

Centro Histórico da Cidade de Salvador

Proposta de inscrição na Lista do Patrimônio Mundial da UNESCO

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS

PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA

E A CULTURA

**Convenção referente à Proteção
do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural**

LISTA DO PATRIMÔNIO MUNDIAL

Formulário de proposta de inscrição

Proposta de inclusão do Centro Histórico
da Cidade de Salvador na Lista do Patrimônio Mundial

FORMULÁRIO

1. Localização exata	
a) País	Brasil
b) Estado, município ou região	Estado da Bahia, região Nordeste do Brasil
c) Denominação do bem	Centro Histórico da Cidade de Salvador
d) Local exato no mapa com indicação das coordenadas geográficas	12°58' 00" Latitude Sul 38° 30' 00" Longitude W. Greenwich
2. Dados jurídicos	
a) Proprietário	
b) Status jurídico	
c) Instituição ou administração nacional responsável	Prefeitura da Cidade de Salvador
3. Identificação	
a) Descrição e inventário	<p>A cidade de Salvador é um testemunho da colonização portuguesa em terras americanas.</p> <p>Portugal aliou à tradição da implantação das cidades em sítios elevados o traçado retilíneo em quadras com o qual, tendo fundado alguns núcleos urbanos nas colônias asiáticas, havia procurado mostrar-se integrado ao espírito racionalista da época.</p> <p>O sítio onde estabelecer Salvador, além de atributos estratégicos, devia "ser salubre e ter bons ares" e "possuir bastante água e um porto em que os navios pudessem amarrar". Estes requisitos e o traçado tão regular quanto o local escolhido o permitisse e, sobretudo, a</p>

“suntuosidade” que lhe foi imprimirá à primeira “cidade real” estabelecida no Brasil pela Coroa portuguesa as características das tradições de sua origem e o simbolismo do princípio colonizador, bem como o resultado da experiência adquirida em meio tropical no contato com as terras africanas durante o século XV.

O Brasil foi recompensado por ter sabido guardar nesta cidade, que foi sua primeira capital, aspectos típicos desse prodígio da colonização lusitana que representa uma parte importante do antigo império português de além-mar.

As cidades, alta e baixa, as praças, ruelas e ladeiras e a situação à beira do mar em local abrigado da baía de Todos os Santos são elementos incontestáveis de expressão cultural luso-brasileira.

A Praça da Sé, espaço ampliado da antiga Praça do Palácio, tem ainda “uma grande vista para o mar” como Gabriel Soares a descreveu. O Terreiro de Jesus, hoje Praça XV de Novembro, é um amplo terrapleno repleto de significado que se estende da Praça Anchieta (limite) até o conjunto conventual franciscano. O Largo do Pelourinho é uma pequena praça triangular para o qual convergem a maioria das ladeiras.

Se o traçado inicial e a primeira zona de expansão evocam as características particulares da cidade até hoje, a volumetria arquitetônica marca o momento quando uma nova mudança de atitude de Portugal em relação ao império de além-mar iria tornar o Brasil o objeto do seu principal interesse. A Casa de Câmara e Cadeia, a igreja do antigo Colégio dos Jesuítas (hoje Catedral basílica de Salvador), a Santa Casa da Misericórdia e outros exemplos de arquitetura religiosa do século XVII o comprovam. De fato, a arquitetura tanto no século XVII como nos séculos seguintes mostra a ação da igreja ajudada pelas ordens religiosas e irmandades laicas cujo número havia aumentado em função da complexidade social da capital do Brasil

Com suas portadas e brasões as grandes casas senhoriais falam desses séculos e dos momentos de grandeza e de decadência da produção

açucareira. Mesmo as do século XIX conservam a volumetria imponente e as características construtivas de base que contribuíram para a configuração definitiva desses espaços urbanos. A cidade se estende dessa forma por montes e baixos até o imponente conjunto carmelita.

Prosseguindo além do Carmo, a cidade se torna mais modesta e seu perfil é discreto nas proximidades do Forte e da Igreja de Santo Antonio Além do Carmo. Os casarios que conserva suas proporções faz ressaltar o contorno da Igreja do Boqueirão oferecendo até hoje para quem olha Salvador a partir da baía de Todos os Santos, o que se pode ver de mais específico nas antigas imagens de núcleos urbanos estabelecidos pelos portugueses no litoral atlântico - o perfil um pouco irregular dos telhados acompanhando a linha da encosta na qual destacam-se as torres de formas elegantes coroando as silhuetas dominantes das igrejas e a vegetação da encosta que separa a Cidade Alta da Cidade Baixa.

A parte da antiga cidade de Salvador, agora considerada “Centro Histórico”, é limitada ao norte pela Igreja de Santo Antonio Além do Carmo e pela “mancha matriz”, que foi o embrião original da cidade, encontra-se próxima ao limite sul. Apesar do alargamento de algumas vias e do crescimento vertical dos imóveis, o Centro Histórico continua podendo ser visto de forma suficientemente definida. Por fim, passado o imponente conjunto, em volumetria e história antiga de São Bento, já no bairro do Sodré, atinge-se o limite sul. Este bairro engloba a igreja e o casario que ocupam a barroca, isto é, a depressão que limitava a primitiva cidade e a terra inculta dos monges beneditinos, até a Igreja e o Convento dos Descalços de Santa Teresa, atualmente Museu de Arte Sacra da Universidade Federal da Bahia.

A encosta de acentuado declive que dá acesso à Cidade Alta faz parte do “Centro Histórico da Cidade de Salvador”. Constitui o primeiro percurso linear pertencente à Cidade Baixa que segue a base dessa falha geológica e que liga o limite norte (Igreja do Santo Antonio Além do Carmo) ao limite sul (o Sodré). Na parte baixa eleva-se a tradicional Igreja de Nossa Senhora da Conceição

da Praia.

É dentro desses limites que se encontram 29 edificações tombadas individualmente e padrões lusitanos de urbanismo e de arquitetura, elementos caracteristicamente brasileiros e outros típicos da baía de Salvador.

Além dos aspectos urbanos anteriormente citados há, entre as ruas principais, algumas ruelas, passagens e praças muito pitorescas e na encosta, planos inclinados e o Elevador Lacerda que é mais moderno. Ladeiras íngremes no meio da vegetação também ligam a Cidade Baixa à Cidade Alta.

O muro de arrimo da encosta em que tem início a Ladeira da Conceição é constituído por grandes arcos claramente visíveis nas gravuras antigas do conjunto. Hoje, os vãos entre os arcos foram transformados em pequenas lojas que apresentam uma sequência bem original de fachadas coloridas.

Não apenas os edifícios religiosos testemunham o importante papel da cidade na colonização portuguesa no Brasil, mas as primeiras casas senhoriais do século XVII e das décadas iniciais do século XVIII também o confirmam. Mesmo as construções posteriores possuem uma escala “monumental” para o padrão brasileiro da época.

Os sobrados de dois ou mais pavimentos, profundos e com fachadas bastante estreitas; as curiosas soluções em planta para os terrenos em declive ascendente ou descendente; a maneira extremamente regional de tirar partido do terreno são simultaneamente exemplos típicos da cultura lusitana.

Os ornamentos em estuque - linhas elegantes e delicadas emoldurando as janelas ou, mais tarde, decorando as fachadas com motivos atraentes, os revestimentos de azulejos coloridos, as platibandas com relevos rendados e ornamentados de cerâmicas são outros elementos arquitetônicos a serem mencionados.

As casas mais modestas, com fachadas menores, mas igualmente ornamentadas, de um gosto que

	<p>seu desenho mais livre guarda algo de suas origens clássicas, completam o quadro arquitetural apresentado pela cidade.</p> <p>A esta descrição de Salvador falta apenas acrescentar às ruas e aos bairros uma população agitada e barulhenta, trajando roupas leves de cores vivas. Os negros e mestiços da Bahia representam o lado típico desse cenário humano, reafirmando os vínculos com as terras africanas e seu papel fundamental na formação da etnia brasileira.</p> <p>Ver Documentação complementar 1</p>

BASÍLICA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DA PRAIA

1739/1773

Tombada em 1938

Esta igreja situa-se próxima ao porto, no sopé da montanha onde parte uma das mais antigas ladeiras de acesso à Cidade Alta. O edifício está engastado na rocha viva. Sua vizinhança é constituída por altos sobrados do século passado, tanto residenciais quanto comerciais. A construção compreende, além da igreja, dois corpos laterais que abrigam as atividades da Irmandade e que se separam da igreja por corredores longitudinais. O corredor esquerdo conduz a um pátio com chafariz, onde nasce larga escadaria de mármore que leva à sala dos Irmãos. As galerias laterais cegas sobre os corredores laterais da nave, entre o térreo e o primeiro andar, são um resíduo dos trifólios das igrejas medievais. O teto da nave e da capela-mor (1772-1773) são de José Joaquim da Rocha. Possui na antessacristia azulejos do tipo “grinalda”, do século XVIII e na sacristia azulejos de 1860. Na sacristia existe belo lavabo em mármore com bacia em concha.

A igreja pré-fabricada em Portugal, com característica da arquitetura do Alentejo na época sob influencia de Ludovice (1750). O partido dos três corpos separados por corredores laterais foi anteriormente adotado na Igreja da Ordem Terceira de São Domingos (1731-1737). Sua planta é de transição, apresentando capelas laterais típicas do século XVII e corredores com tribunas superpostas do começo do século XVIII. A nave oitavada é uma transição entre a forma retangular seiscentista e a poligonal frequente no século XVIII, provável influência das igrejas do Menino Deus de Lisboa (1741) e de São João Batista do C. Maior (1734). Smith vê na fachada do conjunto uma influência do Padre de Mafra de Ludovice. Esta tendência ao neoclássico se percebe em outras igrejas que receberam seus componentes de Lisboa como a de Nossa Senhora do Pilar, em Santana. Seu interior é a primeira demonstração completa do barroco de

D. João V no Brasil. O altar-mor segue a linha no altar da Santa Casa da Misericórdia. O teto da nave obedece à concepção ilusionista barroca de origem italiana. A torre diagonal aparece também na Igreja de Nossa Senhora da Piedade de Elvas (1753) e na Catedral de Guarda (Portugal). Como a Igreja da Conceição da Praia teve sua obra paralisada, Bazin admite que a Igreja de Nossa Senhora da Piedade de Elvas possa ter influenciado a baiana.

Tombado em 1938

O solar situa-se em pleno centro de Salvador, no sopé de uma das ladeiras que conduz à Baixa dos Sapateiros, antiga Rua da Vala. Sua vizinhança é formada de casas e de sobrados do século XIX, alguns já bastante descaracterizados.

Um dos mais expressivos exemplares de casa nobre do final do século XVII. De construção robusta e severa, possuindo, além do subsolo, dois pavimentos sobre a rua. O solar apresenta uma planta quase quadrada, típica das residências mais abastadas da época. Possui belo portal em pedra com porta almofadada. O pavimento nobre ainda hoje usado como residência, possui balcões sobre a rua, tetos agamelados peças de mobiliário e louça antiga, que dão uma ideia da suntuosidade da casa. Os painéis de azulejos no corredor situado no topo da escada são do tipo “tapete” (século XVII) e um silhar com florão central do tipo “camélia”.

Esta casa urbana, desenvolvida em torno de um pátio, adotou um partido que jamais desapareceu em Portugal devido à tradição romana e muçulmana. Este foi introduzido no Brasil no final do século XVII, provavelmente dos tratadistas. Mas, considerando as condições do clima tropical oposto ao das regiões áridas de origem, o pátio não chegou a se tornar um elemento de interesse principal das residências, mas um expediente para facilitar a iluminação e exaustão de ar em casas de grande porte. Como é comum nas residências urbanas do século XVII, as dimensões horizontais tinham primazia sobre as verticais e a circulação não é uma função diferenciada. Os três salões da frente do pavimento nobre apresentam portas no mesmo eixo de modo a criar perspectiva “en enfilade” como nos solares do Renascimento. O portal tem alizares de orelhas com ressaltos nos cantos encimada por um frontão curvo partido, influencia da porta do antigo Palácio dos Governadores.

CASA DOS SETE CANDEEIROS

século XVII

Tombada em 1938

A casa foi construída sobre um dos baluartes da primeira cinta defensiva da cidade, o que lhe confere uma posição dominante na Baixa dos Sapateiros e a segunda linha nas colinas de Salvador. É uma casa nobre e robusta desenvolvida em dois pavimentos e um sótão. Possui uma bela portada de verga reta com brasão em lioz da família Fonseca Galvão, colocado durante a segunda metade do século XVIII. No pavimento nobre tem amplos salões bem iluminados que se abrem para o exterior através de janelas de púlpito e uma capela apresentando belas pinturas na parte interna das portas. A capela possui urupema, que deveria servir para esconder as moças dos estranhos durante a missa. O teto e as portas apresentam guarnições de madeira lavrada. Funciona na casa um pequeno museu com valiosas peças de mobiliário, imaginária e pinturas da Bahia dos séculos XVII e XVIII. No térreo há um painel de azulejos de modelo vulgar, em voga na década de 1680.

PAÇO MUNICIPAL (ANTIGA CASA DE CÂMARA E CADEIA)

séculos XVII e XVIII

Não é tombado isoladamente

O Paço Municipal serve de fundo à mais antiga praça de Salvador, fundada por Tomé de Souza, em 1549, no cume da montanha defronte ao porto. Na praça estão situados o Palácio Rio Branco, antigo Paço dos Governadores e o elevador Lacerda, um dos pontos de referência visual de Salvador.

Edifício de notável mérito arquitetônico, o Paço Municipal desenvolve-se em torno de um pequeno pátio. A fachada principal é formada por arcadas que repousam sobre colunas toscanas superpostas por janelas de púlpito e uma pequena torre central encimada por meia laranja. Este partido, que jamais desapareceu em Portugal por força da tradição romana e mulçumana, foi introduzido no Brasil no século XVII, provavelmente pela influência dos tratadistas renascentistas. Mas, ao contrário do que ocorre nas regiões áridas de onde era proveniente, o pátio não consegue aqui se converter no elemento central de interesse da edificação, as galerias e salões abrindo-se para o exterior e não para o pátio. O emprego de uma torre sineira em uma construção civil remonta à Idade Média quando seu uso disseminou-se por muitos palácios municipais do norte da Itália e da Bélgica. Esta edificação com sua torre serviu de modelo para outras casas de câmara, como as de Santo Amaro e de Maragogipe (século XVIII). A fachada posterior mostra janelas com lenços de pedra sob as guarnições do mesmo tipo do ex- seminário de São Dâmaso no forte de Santo Antonio da Barra. D. Clemente S. Nigra admite que seu autor tenha sido frei Macário de São João devido à semelhança da portada e da galeria com as obras do arquiteto e, sobretudo, à amizade entre ele e o governador Francisco Barreto de Menezes para quem construiu a Igreja de Nossa Senhora dos Montes Guararapes em Pernambuco. Acima da portada, em uma pedra oval consta a seguinte inscrição: “Reinando El Rei D. Afonso VI manda fazer este edifício à custa da cidade Francisco Barreto do Conselho de

Guerra - Governador e Capitão Geral do Estado do Brasil 1660". Nas extremidades da edificação existem placas que assinalam as reformas nos séculos XVII e XVIII. A disposição primitiva era: no primeiro andar, de um lado a Casa das Vereações, do outro a Casa de Audiência dos juízes de Fora, do Civil, Órgãos e Crimes e a Casa dos leilões. No térreo, do lado sul, a prisão dos homens e do lado norte, a das mulheres. No pátio havia uma capela para os prisioneiros dedicada a Santo Antonio, que foi usada de 1690 e 1795.

PALÁCIO ARQUIEPISCOPAL

século XVIII

Tombado em 1938

O palácio está situado no bordo da montanha que divide a cidade em dois níveis. De seus salões domina-se grande extensão da baía de Todos os Santos. O edifício foi desambientado com a demolição da antiga Sé, com a qual se ligava por passadiço elevado, e de quarteirões que deram lugar à Praça da Sé em 1933.

É, na realidade, uma casa senhorial constituída de quatro corpos de construção da mesma altura, desenvolvidos em torno de um pátio central para onde se abrem duas galerias superpostas. O partido adotado denota influência, embora tardia, dos *palazzi* italianos do Renascimento. Esta influência é igualmente evidenciada ainda na disposição das portas criando uma perspectiva “en enfilade”. O pátio interno, contudo, nunca foi abandonado na Península Ibérica em decorrência da tradição latina e muçulmana. No Brasil ele aparece no final do século XVII em residências de grande porte, mais como elemento destinado a facilitar a iluminação e a exaustão de ar do que como elemento capaz de atrair a atenção dos seus moradores, sempre voltados para o exterior de onde sopram as brisas tropicais. Na Bahia, este partido foi adotado nas residências urbanas e nas rurais de luxo como no Solar Berquó, na Casa das Sete Mortes etc. Sua fachada apresenta portada monumental formada por pilastras apaineladas que sustentam o frontão barroco do tipo usado em palácios e nas igrejas do século XVII. No segundo pavimento, andar nobre, as janelas de púlpito com balcões de ferro e o forro em caixotões são do tipo que foi comum até a metade do século XVIII. Dos dois lados do pátio, no primeiro e no segundo pavimentos, existem galerias envidraçadas que deviam ser originalmente simples varandas. A edificação possui belo portal em mármore português culminado por um brasão com as armas do cônego Dom Sebastião Monteiro da Vide.

PAÇO DO SALDANHA

século XVIII

Tombado em 1938

A vizinhança do palácio é constituída de pequenos sobrados do século XIX de valor principalmente ambiental. Um incêndio em 1968 destruiu seu interior. A portada monumental em arenito escuro, que se estende da soleira à cornija, como no antigo Palácio dos Governadores, envolvendo a entrada e janela de púlpito superior. Conserva saguão, bacias e cercaduras de arenito para as águas pluviais. O palácio, do início do século XVIII, apresentando disposições típicas dos solares da Bahia do mesmo período. A escritura de compra pelo Liceu de Artes e Ofícios (1874) esclarece muito sua disposição primitiva: no pavimento térreo havia cinco janelas e a porta principal; do lado da Rua do Saldanha, duas janelas e sete portas, inclusive a de uma cocheira e sete lojas nas duas frentes, com diversos cômodos, todos com janelas dando para os fundos.

O andar nobre era composto por salas forradas com molduras e talhas. No mesmo andar havia uma cozinha, dispensa e banheiro que devem ter sido acrescentados no século XIX. O sótão tinha quatro salas forradas, com janelas voltadas para o pátio e quatro quartos, sendo um também forrado, o que pressupõe não ser apenas dependência de criados. A portada talhada em pedra com atlantes - figuras humanas e colunas com fustes envolvidos por ramagens de palmeira, lembra postais do exuberante barroco “criollo” hispano-americano. Bazin e Simões admitem que seu autor possa ser Gabriel Ribeiro, autor da fachada da Ordem Terceira de São Francisco.

MIRANTE DO SALDANHA

século XVIII

Tombado em 1938

Situa-se em uma das encostas da colina da Sé, rodeado por construções dos séculos XVIII e XIX, sua bela varanda envidraçada se debruça sobre a casa vizinha, de número 8, que parece ter sido originalmente um anexo da casa sobre a qual o mirante repousa.

Esta casa se desenvolve em três pavimentos em torno de um pequeno pátio, possuindo ainda um porão e um pitoresco mirante que se destaca sobre os telhados das construções vizinhas. Em seus amplos salões estão hoje subdivididos por tabiques. A varanda envidraçada encontra um paralelo na varanda existente no Recolhimento dos Perdões.

CASA DO ANTIGO SEMINÁRIO DE SÃO DÂMASO

século XVII

Tombada em 1938

A edificação está situada em uma esquina próxima ao Cruzeiro de São Francisco, no Centro Histórico de Salvador. A rua originalmente era conhecida como Rua do Bispo e reunia as melhores residências da cidade na época colonial. Ela ainda conserva altos sobrados dos séculos XVIII e XIX.

Edifício de elevado valor monumental desenvolvido em três pavimentos. Possui portada formada de pilastras dóricas, com caneluras que suportam entablamento clássico terminado por coruchéus piramidais. Aduelas e alizares apresentam uma decoração em forma de trança. Possui no seu pavimento nobre (segundo andar) belos tetos apainelados em forma de gamela e azulejos do século XVII, padrão camélia, revestindo dois armários embutidos e nos poiais de conversadeiras, provavelmente vindas de outros locais. Azulejos do mesmo tipo encontram-se na Catedral de Salvador e nos conventos de São Francisco e de Santa Teresa. Como outras residências da época, o segundo pavimento é o andar nobre e se abre para o exterior através de janelas de púlpito. A circulação ainda não é diferenciada e se faz através dos cômodos. Nos três salões da frente do pavimento nobre as portas formam perspectiva “en enfilade” à maneira dos solares renascentistas. No andar térreo, o saguão se articula com os dois salões laterais como na Casa dos Sete Candeeiros. Esta disposição se tornou comum no decorrer do século XVIII. A fachada já apresenta preocupação de simetria ocupando o portal o centro da mesma. Os tetos do pavimento nobre são apainelados em forma de gamela, tipo utilizado até a primeira metade do século XVIII.

CENTRO AUTOMOBILISTICO

séculos XVIII e XIX

Tombado em 1943

Esta edificação de grande valor arquitetônico dá para a rua. Está constituída por um andar térreo, dois pavimentos e um semienterrado. No térreo, uma escadaria em arenito apresentando as terminações dos parapeitos em formas de volutas, que nasce em um belo saguão decorado de azulejos portugueses de um padrão bastante raro encontrado apenas no Pátio das Vacas, hoje Museu Agrícola de Ultramar, e na casa dos condes de Alcáçavos, em Lisboa. Em Salvador, os azulejos da escadaria do Paço do Saldanha são do mesmo tipo. O portal em lioz do final do século XVIII apresenta um frontão barroco muito semelhante aos das janelas do coro da Igreja da Ordem Terceira de São Domingos. A fachada da edificação obedece a um estilo frequente na época formada por três vãos com sacadas no primeiro pavimento. Sua planta e corte são, no entanto, bastante raros. O saguão ocupa (provavelmente devido à exiguidade do terreno) toda a largura da casa e seu pé direito subdividido dando origem a dois pavimentos atarracados que abrigam funções de serviço.

IGREJA E SANTA CASA DA MISERICORDIA

em torno de 1654

Tombada em 1938

Edifício de grande valor monumental, desenvolvido em torno de um claustro quadrado. Sua construção, executada ao longo de mais de um século, reflete as sucessivas paralisações e as modas ocorridas no período. A planta do templo apresenta corredores laterais superpostos por tribunas como nas igrejas do início do século XVIII. Contudo, estes elementos provavelmente só foram incorporados à igreja por volta de 1684-1695, no momento da construção do claustro, quando foram erguidos os primeiros modelos do gênero na Bahia. Frei Macário de São João trabalhou na elaboração da fachada, mas parece ter ignorado a planta, totalmente diferente da sua obra. Uma descrição da antiga fachada menciona quatro colunas inteiriças, o que indicaria a presença de uma galilé, eliminada durante as reformas em 1720/1728. A terminação da torre em meia laranja foi substituída em 1722-1728 por uma pirâmide que se apóia em frontões retilíneos. O teto da nave é em gamela e substituiu o antigo em forma de prisma destruído quando a nave foi elevada. No teto da capela-mor foi feita a primeira pintura em perspectiva ilusionista da Bahia (1735) pelo português Antonio Simões Ribeiro, já desaparecida.

CATEDRAL BASÍLICA (EX-IGREJA DO COLÉGIO DE JESUS)

século XVII, iniciado em 1604

Tombada em 1938

A igreja dá para uma vasta praça delimitada por sobrados do século passado e importantes monumentos religiosos como São Domingos, São Pedro dos Clérigos e São Francisco; este último situado no prolongamento do Terreiro de Jesus. A antiga Faculdade de Medicina da Bahia (segundo modelo neoclássico) foi construída sobre os remanescentes do colégio incendiado em 1905. Com a demolição, em 1933, da Igreja da Sé e de alguns quarteirões em volta para construir a nova Praça da Sé, a catedral ficou desambientada, passando a exibir um enorme perfil anteriormente escondido pelas casas circundantes.

A igreja é o último remanescente do Colégio de Jesus. Apresenta um transepto inscrito no retângulo da planta e capelas laterais interligadas por tribunas superpostas. A capela-mor é ladeada por duas capelas e corredores que conduzem à sacristia transversal. O corpo retangular da fachada está dividido em cinco partes por duas pilastras dóricas superpostas. As portas de acesso à igreja são coroadas de frontões partidos que enquadram nichos onde foram colocadas, em 1746, as imagens de São Inácio, São Francisco Xavier e São Borja. Na sacristia há três altares em mármore, sendo que o mais importante é de proveniência italiana e os dois outros são portugueses. Há também dezesseis painéis pintados sobre cobre, uma arca com incrustações em marfim e tartaruga, lavabo em mármore e cadeira do século XVI. Existem silhares de azulejos na capela-mor e nas capelas laterais do tipo tapete e os da sacristia são do tipo massaroca (1665-1670).

O revestimento interno e externo é de cantaria de lioz trazida já talhada de Lisboa. Esta igreja provavelmente é mais portuguesa do que brasileira. A igreja monumental foi construída para rivalizar com as maiores de Portugal, de acordo com o padre Simão de Vasconcelos, reitor do colégio na época. Sua planta é típica das igrejas jesuíticas luso-brasileiras. Lucio Costa acredita que a atual catedral pode ter sido projetada pelo irmão Francisco Dias, assistente do Felipe Terzi, em São Roque de Lisboa e que chegou à Bahia em 1577 para construir o colégio. A planta da catedral, no entanto, segue mais a da Igreja do Espírito Santo, em Évora. Sua fachada tenta conciliar o modelo tradicional português de duas torres com a nova fachada jesuítica com volutas e sem torres, lançado por Vignola e por Giacomo della Porta. O resultado é um frontispício sem elegância com um frontão exíguo e torres atrofiadas. O teto audacioso com abóboda de madeira com decoração do tipo que predomina até o início do século XVIII: caixotão. Os altares da igreja pertencem aos quatro períodos da evolução dos retábulos brasileiros. A sacristia, cujos caixotões do teto continuam nas molduras e painéis das paredes, é a mais rica de toda a

arte barroca luso-brasileira, segundo Bazin. Os altares dos santos mártires e das virgens mártires são do tipo brasileiro mais antigo e conservam traços renascentistas. De acordo com Lucio Costa, esses altares teriam vindo da primitiva igreja jesuítica.

IGREJA DE SÃO PEDRO DOS CLÉRIGOS

séculos XVIII e XIX

Tombada em 1941

Arquitetura menor, de valor principalmente ambiental. Sua decoração interior é de um estilo de transição entre o rococó e o neoclássico com um grande painel pintado no teto. Possui, além do altar-mor, dois altares no ângulo do arco cruzeiro.

A igreja apresenta uma planta típica das igrejas da Bahia do início do século XVIII, com corredores laterais superpostos por tribunas. No entanto, esta planta, como a de outras igrejas baianas não apresenta ainda a sacristia transversal. Esta é um desenvolvimento natural do partido em "T" (ver Palma) comum no século XVII. O frontispício rococó (século XIX) é tardio, e ainda que o arco cruzeiro e o teto sejam rococós, os altares são neoclássicos.

IGREJA DA ORDEM TERCEIRA DE SÃO DOMINGOS

por volta de 1731

Tombada em 1938

Sua fachada está voltada para o Terreiro de Jesus onde estão situadas, além da igreja do antigo Colégio de Jesus, a atual Catedral, a Igreja de São Pedro dos Clérigos e sobrados, cuja maioria é do século XIX.

É uma criação de excepcional valor arquitetônico que compreende, além da igreja, dois corpos de edificações laterais abrigando as instalações da Ordem Terceira. A nave tem um belo teto pintado atribuído a José Joaquim da Rocha (1780/1782) a quem também são atribuídos os painéis do salão nobre. Na capela-mor existe a parte inferior de um silhar de azulejos, de 1740, que devia recobrir toda a capela-mor. É azul com o fundo branco e representa um episódio da vida de São Domingos. Há também belos trabalhos em talha como o arcaz existente na sacristia e o início da escadaria que conduz ao consistório.

Esta igreja adota pela primeira vez na Bahia o partido de três corpos de construção, separados por corredores longitudinais. Este mesmo partido foi adotado pouco tempo depois na Igreja da Conceição da Praia. A igreja apresenta planta típica das igrejas de irmandade do começo do século XVIII, com corredores laterais e tribunas superpostas. A fachada rococó tem uma torre terminada em bulbo. A talha neoclássica de Antonio Mendes de Silva, do final do século passado, substitui a primitiva talha barroca. A pintura do teto da nave, atribuída a José Joaquim da Rocha é de concepção ilusionista barroca, lançada na Itália em 1694 por Andrea Pozzo, na igreja de Santo Inácio em Roma e introduzida no Brasil no final da década de 1720/1730.

A DECORATIVA

século XVII

Tombada em 1943

A casa tem uma situação privilegiada, formando a esquina do Cruzeiro de São Francisco e do Terreiro de Jesus. Está cercada de sobrados, a maioria do século XIX, e de excepcionais monumentos religiosos, tais como o Convento de São Francisco, a Catedral, a Ordem Terceira de São Domingos etc.

Com seus dois pavimentos esta casa possuía originalmente 34 janelas e portas dando para o Terreiro e para o Largo do Cruzeiro de São Francisco. O segundo andar tinha doze janelas de púlpito, segundo uma descrição de 1664 (Livro 2º do Tombo da Santa Casa da Misericórdia). Cinco vãos desapareceram quando uma parte da edificação situada no lado do Largo do Cruzeiro, que estava arruinada, foi demolida em 1820. Na parte dos fundos foi criado, neste século, um anexo, com cozinha, sanitário e outros serviços. O acesso aos pavimentos superiores é feito por um saguão que se abre para o Cruzeiro de São Francisco. Possui no segundo andar balcão corrido com grades da segunda metade do século XIX e amplos salões com belos tetos apainelados.

IGREJA E CONVENTO DE SÃO FRANCISCO

1686 e 1708/1723

Tombados em 1938

A fachada principal da igreja abre-se para uma praça bem alongada na qual se encontra o cruzeiro - elemento típico das urbanizações franciscanas - que deu o nome ao local. O Cruzeiro de São Francisco se articula com o Terreiro de Jesus para formar um dos espaços urbanos os mais interessantes de Salvador, delimitado na sua maior parte por construções de meados do século passado.

Edificação de grande valor monumental, o Convento de São Francisco desenvolve-se em torno de um claustro quadrado, formando com a capela da Ordem Terceira um dos complexos mais grandiosos de Salvador. O corpo da igreja é formado por três naves; as duas naves laterais bem mais baixas do que a nave central e separadas por arcadas intercaladas de muros lembrando capelas. A decoração é um exemplo do barroco da primeira metade do século XVIII e realiza o ideal de igreja coberta de talha dourada que surgiu em Lisboa e em Goa no final do século XVII. A decoração da biblioteca merece também especial atenção. O convento tem um subsolo e dois pavimentos sobre o nível da rua. Possui ricos painéis de azulejos, entre os quais os da capela-mor (1737) são de Bartolomeu Antunes de Jesus e vêm de Lisboa. Os azulejos do claustro são de 1746-1748 e os da antessala e da sacristia de 1749/1752. Nas torres e em parte da fachada os azulejos datam de 1805-1808. E entre as imagens, destaca-se a de São Pedro de Alcântara que é realmente de grande beleza.

Esta igreja se distingue das demais construções franciscanas do Nordeste, geralmente de nave única, com duas passagens ladeando a capela-mor e conduzindo à sacristia transversal. Ela parece ter sido influenciada pela Igreja de São Francisco do Porto, uma construção gótica com três naves e elementos decorativos do século XVII e pela planta jesuítica luso-brasileira tradicional. A nave apresenta teto em caixotões com painéis octogonais que se alternam com almofadas quadradas.

IGREJA DA ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCO

Por volta de 1702

Tombada em 1938

A igreja, que foi construída em uma rua relativamente estreita, tem sua fachada recuada em relação à do convento, o que explica o adro gradeado. Está cercada de casas dos séculos XVIII e XIX e forma com o Convento e a Igreja de São Francisco um dos maiores complexos arquitetônicos de Salvador. Possui belíssimos tetos pintados e, na escadaria, no corredor, na entrada, na sacristia, no claustro e nas salas os azulejos são datados de 1730-1750, os do adro inferior de meados de 1760 e os do corredor lateral de 1871. Possui também lavabo Dom João V com incrustações policromadas.

A planta desta igreja é uma tentativa de fusão da planta franciscana do Nordeste de uma só nave ligada à sacristia transversal por pequenas passagens, com a planta em voga no início do século XVIII nas igrejas matrizes e de irmandade com corredores laterais. Uma planta híbrida do mesmo tipo é vista na Igreja do Rosário dos Pretos. A casa dos santos reproduz em escala menor a planta da igreja flanqueada por corredores. O acentuado declive do terreno propicia a adoção de uma solução que superpõe a sala da mesa à sacristia e esta ao ossuário. Esta mesma solução foi igualmente adotada em outras igrejas da Bahia como a do Boqueirão, a do Passo e na Santa Casa da Misericórdia. As tribunas do lado esquerdo são ligadas por galerias, partido que mais tarde foi adotado pelas igrejas do convento e da Ordem Terceira do Carmo e se disseminou na arquitetura civil do final do período colonial. Sua fachada é única no Brasil e lembra o barroco exuberante da América espanhola. Bazin acredita que ela seja uma transposição em pedra da primitiva talha do interior (ver Jaboaão), substituída no século XIX por uma decoração neoclássica.

século XVIII

Tombado em 1938

O solar está situado em uma das encostas da colina da Sé que termina na Baixa dos Sapateiros, antiga Rua da Vala. Sua vizinhança é formada por sobrados dos séculos XVIII e XIX. A edificação é de incontestável valor arquitetônico, ainda que bastante descaracterizado tanto no exterior quanto interiormente. Devido ao acentuado declive do terreno, o edifício possui três pavimentos na fachada principal, e seis na fachada posterior, além de um pequeno porão. Tem duas portadas. A mais nova (1701) com alizares de "orelhas" com ressaltos à meia altura e frontispício de volutas flanqueiam o brasão dos Maciel. O vão está guarnecido por uma bela porta almofadada de apenas um batente. Frontispícios semelhantes são encontrados na Casa de Oração dos jesuítas e no Edifício Margarida. Há uma bela e ampla escadaria de mármore português que culmina com uma espécie de *loggia* com arcos que repousam sobre colunas retorsas. No pavimento nobre restou uma amostra dos antigos forros apainelados. Ainda que não existam provas documentais, há indícios construtivos que sugerem que o solar é resultante da fusão de duas casas. Esta hipótese está fundamentada no fato de existir duas portadas de épocas distintas (1690 e 1701) deslocadas da posição central corrente, e na identificação de dois corpos de construção de caráter e alturas diferentes, com circulação vertical independente. A única comunicação horizontal encontra-se no nível do pavimento nobre. Esta fusão poderia ser o resultado do plano jesuítico de estender o Seminário de Nossa Senhora da Conceição desde a atual Ladeira do Ferrão até a de São Miguel. A portada mais nova apresenta alizares com filetes em múltiplos ressaltos, motivo contraditório na arquitetura espanhola e hispano-americana no tempo, mas que existe na Bahia apenas na Ordem Terceira de São Francisco. Smith aventava a possibilidade de que esta portada seja de Gabriel Ribeiro, autor da famosa fachada. O brasão datado de 1701 é da família Maciel, colocado provavelmente por José Soteiro Maciel de Sá Barreto que foi um dos proprietários da casa.

CASA DO PELOURINHO (REMANESCENTES DAS PORTAS DO CARMO)

Séculos XVII e XIX

Não é tombada isoladamente

O remanescente do Castelo das Portas do Carmo ou de Santa Catarina serve hoje de estrutura a uma residência do século XIX situada no Largo do Pelourinho, nº 13. Do lado direito da casa, uma estreita passagem conduz à Baixa dos Sapateiros. O Largo do Pelourinho que resultou da demolição de dois terços do castelo em questão; é um dos espaços urbanos mais interessantes de Salvador e conserva um surpreendente conjunto da arquitetura da cidade no século XIX.

A edificação foi construída no local da antiga fortificação. Quando o Largo do Pelourinho foi criado, restou da demolição do Castelo das Portas do Carmo parte do seu terrapleno que, uma vez livre do aterro, foi utilizado como estrutura para o atual sobrado. Estes remanescentes consistem em três muros de arrimo dispostos em forma de “U”, cujas dimensões e ângulos coincidem com a cabeceira leste do castelo no levantamento feito por Caldas um pouco antes de sua demolição. Estes muros atingiam sete metros de altura e 1,80 m de espessura na base e servem de divisória e empenas para a casa. Ainda que constitua um documento da maior importância arquitetônica e histórica, sua distribuição interna foi alterada e o assoalho substituído por lajes de concreto durante os trabalhos realizados de 1971 a 1974.

A estratificação de diferentes culturas no ato de construção é encontrada na Europa, no Oriente e, às vezes, na América (México e Peru), mas ela é bastante rara no Brasil. A fortificação era um simples cavaleiro, isto é, uma plataforma elevada de tiro que guarnecia a porta que, de acordo com Caldas “ladeava quase todo o canto do bairro da Saúde, da Baixa dos Sapateiros, e da Ladeira do Carmo”. Quando ela foi em parte demolida, a cidade já se estendia para além dos muros. Foi somente após meio século de abandono que os escombros foram utilizados para residência. Esta casa, que deve datar de meados do século XVIII, foi condicionada aos remanescentes do castelo e apresenta uma planta sem paralelo na arquitetura civil da época. Uma das muralhas corta a casa em dois, impondo usos diferentes para a parte anterior e posterior do térreo e do primeiro pavimento. A fachada é neoclássica, o que permite identificá-la como sendo da metade do século XIX.

IGREJA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS PRETOS

por volta de 1704

Tombada em 1938

A igreja está localizada na antiga rua das Portas do Carmo, em uma praça triangular surgida da demolição do cavaleiro e da porta que serviam de defesa da cidade. O Largo do Pelourinho, com seus sobrados do século XIX é um dos lugares mais pitorescos da cidade.

A sede da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Pelourinho ou de Nossa Senhora do Rosário das Portas do Carmo foi construída pelos irmãos, em suas horas vagas, ao longo de quase um século. Corredores laterais conduzem diretamente a um pátio e, do lado direito, no mesmo plano da fachada, um oratório abre-se para a rua como em Santo Antonio Além do Carmo. As terminações das torres são em bulbo revestidas de azulejos. No interior, os azulejos representam episódios relativos à devoção do Rosário de Lisboa (meados dos anos 1790).

A planta original desta igreja iniciada em 1704 parece não ter previsto corredores laterais, senão duas estreitas passagens laterais à capela-mor ligando a nave com a sacristia transversal. Este partido foi frequentemente adotado nas igrejas franciscanas do Nordeste e pelos arquitetos de Minas Gerais, provavelmente inspirados pela Igreja de São Paulo de Braga (Portugal). Há outro exemplo deste partido em Salvador na Igreja Nossa Senhora do Pilar. Os corredores laterais, as tribunas, a fachada atual e as torres só foram executadas em 1780-1781. Também os corredores laterais são de certo modo sem utilidade, pois não conduzem à sacristia, mas ao pátio. A Igreja de São Francisco apresenta uma planta híbrida do mesmo tipo. Sua fachada se mantém fiel ao modelo baiano tradicional que retira sua origem da Matriz de Maragogipe. Contudo, a terminação piramidal primitiva das torres foi transformada em bulbo de muitos ressaltos e o frontão clássico, substituído por outro rococó do tipo do seminário de Belém da Cachoeira. Seu interior apresenta púlpitos de influencia rococó e altares neoclássicos (1870).

IGREJA DO SANTISSIMO SACRAMENTO DA RUA DO PASSO

1737

Tombada em 1938

A igreja encontra-se na primeira zona de expansão da cidade e faz parte do sítio tombado pelo SPHAN nos bairros da Sé e do Passo. Está cercada de casas e de sobrados quase todos do século XIX. Construída em uma rua muito estreita, a Rua do Passo, sua perspectiva é assegurada pela criação de uma larga escadaria de ligação com a Ladeira do Carmo.

É uma edificação de incontestável valor arquitetônico. A igreja tem um subsolo (ossuário), térreo (nave, altar-mor e sacristia) e um primeiro andar (tribunas e coro). Altares e retábulos são da metade do século XIX. Os azulejos da capela-mor vieram de Lisboa e são datados de meados de 1750 enquanto os da nave são industriais do século XIX.

A planta é típica das igrejas da Bahia do início do século XVIII, com corredores laterais superpostos por tribunas e sacristia transversal. O corpo de torre que serve de base à pirâmide de cobertura é terminado por frontões curvos, inovação surgida, em 1728, na Igreja da Misericórdia sob a forma de frontão retilíneo. Em consequência do acentuado declive do terreno, a solução adotada foi de superposição da sala da mesa sobre a sacristia e desta sobre o ossuário. Esta disposição é também a da Ordem Terceira de São Francisco, da Santa Casa da Misericórdia e, parcialmente, da Ordem Terceira do Carmo. A pintura do teto, de autoria duvidosa, é uma perspectiva ilusionista barroca, de origem italiana, introduzida no Brasil na metade do século XVIII. A talha é de estilo neoclássico.

IGREJA DA ORDEM TERCEIRA DO CARMO

século XIX sobre fundações do século XVIII

Tombada em 1938

No alto da ladeira do Carmo, a Igreja da Ordem Terceira está anexada ao convento de mesmo nome. As casas que a cercam são em sua maioria do século XIX. É um edifício de grande valor arquitetônico que faz parte do conjunto formado pela Igreja e pelo Convento do Carmo. A primitiva igreja foi destruída pelo fogo no final do século XVIII. A edificação atual, terminada em meados do século XIX, atende a um vasto programa arquitetônico desenvolvido em torno de dois pátios que, além da igreja, compreende sacristia, casa dos santos, ossuário, galerias etc. A edificação apresenta, além do subsolo, dois pavimentos sobre a rua. O teto da igreja foi pintado por José Teófilo de Jesus (1816). Destacam-se, entre as imagens em madeira, a de Nossa Senhora do Carmo com o Menino Jesus e a do Cristo Morto de Francisco Xavier Chagas.

A igreja atual, ainda que concluída na metade do século passado, segue a planta típica das igrejas matrizes e irmandades setecentistas, com nave única, corredores laterais superpostos por tribunas e sacristia transversal no fundo da capela-mor. O conjunto formado pela igreja e casa da Ordem é contornado por longa galeria envidraçada, elemento que existe também na galeria das tribunas das igrejas conventuais do Carmo e da Ordem Terceira de São Francisco e é frequentemente visto na arquitetura civil do final do período colonial. Sua fachada em estilo rococó tardio (1855-1860) apresenta duas torres recobertas por terminações pouco definidas, um frontão indeciso entre o rococó e o neoclássico, pilastras demasiadamente esbeltas e portais em lioz, executados em Lisboa no estilo Dona Maria, com meio século de atraso. Exceto o interior que é neoclássico, a igreja, tanto em planta quanto em elevação, segue modelos já ultrapassados na sua época. A técnica construtiva, contudo, mostra-se apurada com largo emprego de abóbodas de berço (sacristia, sala da mesa e sala dos santos) e de arestas (galerias). As abóbodas que servem de cobertura a vários cômodos da igreja e da casa da Ordem têm seus extradorsos revestidos de telhas sem emprego de ripamento de madeira.

IGREJA E CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO CARMO

Início do século XVII

Tombados em 1938

O Convento do Carmo foi construído fora dos muros da cidade, em uma colina ao norte conhecida como Monte Calvário, de grande importância para sua defesa. As casas que hoje o cercam são modestas e a maioria data do século XIX. O conjunto monumental é de grande valor e compreende o convento, a igreja e a Ordem Terceira. O convento tem dois claustros. O maior, de forma retangular é hoje utilizado como hotel e o menor, de forma quadrada, como Museu de Arte Sacra mantido pela Ordem. O acervo do museu é constituído de peças de mobiliário, imaginária e alfaías. Entre as peças de imaginária, destaca-se o “Cristo atado à coluna” em madeira (final do século XVIII) de Francisco Xavier Chagas. A parte da frente do altar-mor é de prata e data do século XVIII. Os azulejos da capela do noviciado vieram de Lisboa (1720-1730) e os da portaria são do tipo “grinalda” (ornado de folhas ou de flores) sobre um fundo marmoreado de estilo neoclássico dos anos 1800.

A igreja, embora carmelita, apresenta planta típica das igrejas jesuíticas luso-brasileiras como as da Igreja do Espírito Santo, em Évora e do Colégio da Bahia, ou seja, com nave única, capelas intercomunicantes e transepto de altura inferior ao ponto de nascimento da abóboda da nave. Sobre as capelas existem tribunas, que, no lado sul, ligam-se a uma galeria envidraçada, elemento encontrado nas igrejas da Ordem Terceira do próprio Carmo e de São Francisco e que se tornou comum na arquitetura civil do final da época colonial. A torre tem terminação inspirada nas coberturas à Mansard, o que também pode ser observado nas igrejas de Santana e do Pilar. O interior da igreja é neoclássico. Sua rica sacristia rococó apresenta forro da última fase dos tetos em caixotão, que predominou até o início do século XVIII. Os caixotões primitivos sobrepostos às vigas do teto assumem, neste caso, total independência da estrutura que se transforma em uma malha poligonal curvilínea de molduras que enquadram os painéis pintados e os florões.

ORATÓRIO DA CRUZ DO PASCOAL

1737

Tombado em 1938

O oratório está implantado no meio de um largo de forma triangular, cercado de sobrados do século XIX, muito dos quais com fachada azulejada. A ambiência do monumento foi prejudicada pela substituição do piso de pedras irregulares, por asfalto, em 1971.

Elemento de excepcional valor arquitetônico urbano é um dos mais pitorescos e expressivos pontos de referência visual de Salvador. O oratório, constituído de coluna encimada por nicho, guarda em seu interior uma preciosa imagem de Nossa Senhora do Pilar do século XVIII. Hoje protegido por um gradil de ferro do século XIX, ele é quase inteiramente revestido de azulejos azuis e brancos.

O nicho foi inspirado nas torres sineiras das igrejas baianas do início do século XVIII, que se apóia sobre o ábaco de uma robusta coluna toscana de seção octogonal, montada sobre um pedestal de pedra. A terminação do nicho recoberta de azulejos em pirâmide azulejada é frequentemente encontrada nas torres sineiras de numerosas igrejas baianas como nas de São Francisco (1720), de Nossa Senhora da Lapa e na Santa Casa da Misericórdia. Os pináculos foram substituídos por esferas de louça. Os azulejos que revestem o nicho e a coluna (século XVIII) vieram de Portugal.

IGREJA DA ORDEM TERCEIRA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DO BOQUEIRÃO

cerca de 1727

A igreja não é tombada isoladamente

A igreja faz parte do conjunto de Santo Antonio Além do Carmo, um dos mais homogêneos do século XIX, em Salvador. Sua fachada encontra-se no eixo da ladeira do Boqueirão guarnecida de sobrados de oitão, o que lhe proporciona um belo enquadramento. A igreja foi construída sobre antiga trincheira no bordo da falha geológica que divide Salvador em dois níveis. Da sacristia e do consistório desfruta-se de uma bela vista do porto e da baía. A encosta da montanha é considerada zona de proteção integral pela Lei Municipal nº 3289 de 21.9.1983.

Apresenta uma combinação típica das sedes das irmandades laicas: igreja, consistório, casa dos santos, catacumbas etc. A edificação procura adaptar-se à topografia local aproveitando dois subsolos na parte posterior da igreja. Situado ao lado direito, e no mesmo plano que a fachada da igreja, há um pequeno oratório que dá diretamente sobre a rua, como nas igrejas do Rosário dos Pretos e de Santo Antonio Além do Carmo. O frontão e as torres são revestidos de azulejos brancos aplicados provavelmente no século passado. O altar-mor e os dois colaterais, o gradil do coro, os púlpitos e as tribunas são obras notáveis de talha. O teto pintado é de autoria desconhecida; e possui rica coleção de objetos sacros compreendendo custódias, castiçais e candelabros.

Esta igreja é uma das mais típicas do início do século XVIII da Bahia, tanto por sua planta quanto pela elevação: coro, tribunas e consistórios superpostos respectivamente à nave, aos corredores laterais e à sacristia transversal. Sob a sacristia há dois subsolos em arcada. O primeiro inicialmente não era ocupado e hoje é utilizado pelo guarda de segurança. O mais profundo foi transformado, no século XIX, em catacumba. Esta solução de superposição do consistório sobre a sacristia e desta sobre o ossuário é encontrada em outras igrejas da Bahia como nas do Passo, da Ordem Terceira de São Francisco e Santa Casa da Misericórdia. Sua fachada com torres sineiras enquadrando o frontão que domina o corpo central é comum a muitas igrejas baianas do mesmo período. Suas torres com terminação em bulbo e frontão rococó revestidos de azulejos brancos assemelham-se especialmente aos da Igreja do Bonfim, embora mais elegante. A decoração interna em talha dourada do início do XIX século é neoclássica e o forro da nave atribuída ao aluno de José Joaquim da Rocha, foi concebido em perspectiva ilusionista, inspirada no barroco italiano, introduzido no Brasil na metade do século XVIII.

CASA DE OITÃO DO LARGO DE SANTO ANTONIO ALÉM DO CARMO

fim do século XIX

Sítio tombado pelo SPHAN

A edificação está localizada na Praça de Santo Antonio Além do Carmo (Praça Barão do Triunfo), próximo ao forte e à matriz de mesmo nome. Um dos lados da praça dá para a encosta da montanha, de onde se pode admirar a bela paisagem do porto e da baía de Todos os Santos. É um monumento de grande valor.

Este tipo de residência é bem peculiar da Bahia. Estas casas se caracterizam pela abertura de vãos no oitão quando a edificação é de esquina ou isolada, dando origem a fachadas laterais muito cuidadas e geralmente simétricas. Este tipo de casa ou sobrado disseminou-se no século XIX na Bahia. A possibilidade de iluminação abundante da água furtada possibilita nestes edifícios a atribuição de função nobre à mesma. O tipo mais comum de fachada lateral de casa e de sobrado de oitão é formado de um corpo retangular recoberto por frontão obtuso, onde se abrem janelas e óculos habitualmente em número ímpar. Este tipo de construção é encontrado no Largo do Pelourinho e nas ladeiras do Boqueirão e dos Aflitos. Neste caso em particular, a casa assume uma grande importância urbana como cenário da praça, o que foi bem compreendido pelo autor do projeto que desenvolveu fachadas nas três frentes do lote e substituiu o pequeno quintal por exíguo pátio sobre a divisa. O térreo compreende três lojas e quatro “apartamentos” provavelmente para renda, que dão diretamente para a rua o que é uma solução única na Bahia. O pavimento nobre da moradia se desenvolve na água furtada. Não há corredor e a circulação é feita através das peças.

b) Mapas e/ou plantas	Em anexo dois mapas. O mapa 1 mostra a localização exata do Centro Histórico da Cidade de Salvador. O mapa 2 mostra as características topográficas do sítio, os vários tombamentos e as zonas protegidas pela legislação específica.
c) Documentação fotográfica e/ou cinematográfica	Ver anexo I.

MAPA I

SECRETARIA DE CULTURA

SPHAN/FUNDAÇÃO NACIONAL PRÓ-MEMÓRIA

CENTRO HISTÓRICO DA CIDADE DE SALVADOR

Dezembro 1983

d) Histórico

BAHIA

A Bahia é detentora de uma série de primazias: primeiro ponto da costa oficialmente tocado pelos portugueses; primeiros estabelecimentos exploratórios que deram sentido à colonização; primeira cidade, primeira sede da capital do Governo-Geral; primeira sede episcopal; primeiro local de cunhagem da moeda do Brasil; primeiro e principal porto brasileiro do império português de além-mar no final do século XVIII.

Se a Bahia guardou todas essas prioridades e privilégios é que sua localização lhe garantia fácil acesso, comunicações com as regiões vizinhas, um excelente porto, água em abundância e uma situação estrategicamente favorável à navegação que buscava as costas da África e do Oriente.

A Bahia era de fato o pulmão da colônia já que era o centro econômico de trocas comerciais dos produtos agrícolas tropicais do Brasil (açúcar, tabaco, couro, produtos alimentícios) com os bens vindos da metrópole ou de outras colônias de além-mar.

Além de ser uma garantia de defesa para a colônia e uma marca de integração das diferentes capitanias, a Bahia adquiriu um caráter cosmopolita devido à quantidade e à qualidade dos negociantes e dos navegadores que passaram por seu porto e lhe deram, no século XVIII, uma população flutuante de quase a metade da população fixa.

A Bahia foi, sem dúvida, o que existia de mais importante nas rotas destinadas ao Oriente e naquelas que cruzavam o Atlântico acima do equador.

Todas as condições de apoio à navegação, os calendários das frotas e de seleção dos portos eram realizados na Bahia. Era a síntese das operações de troca próprias a todo sistema colonial: mão de obra escrava vinda da África, produtos europeus e orientais importados, exportação dos produtos tropicais convenientes à troca e ao abastecimento do mercado europeu em expansão.

A abertura dos portos, feita na Bahia em 1808, oficializou sua função comercial internacional que já era realidade desde os primórdios da cidade de Salvador.

Por todas essas primazias, a Bahia foi sempre considerada o primeiro centro histórico de importância socio-político-econômico e cultural do Brasil.

Solange de Sampaio Godoy

Antonio Luiz Porto e Albuquerque

Ver documentação suplementar 2

EVOLUÇÃO URBANA DA CIDADE DE SALVADOR DE 1549 A 1800

(SÍNTESE)

Américo Simas Filho

Introdução

Para aqueles que querem conhecer a situação atual de Salvador é extremamente interessante e útil saber como a cidade se formou e se desenvolveu. Contudo, trata-se de um estudo de considerável amplitude e o material disponível é ainda incompleto. Então, para atender ao pedido dos interessados, fizemos uma síntese da evolução urbana da primeira capital do Brasil durante os primeiros duzentos e cinquenta anos de sua existência (1549-1800).

No momento em que Portugal instituiu o Governo-Geral para o Brasil, teve de cogitar a transferência para a sede do poder recém-criado da máquina administrativa indispensável à instalação de uma aparelhagem, visando à unificação da colônia e a defesa da terra conquistada, que estivera muito ameaçada.

Foi Tomé de Souza, de reconhecida honorabilidade e tino administrativo, que foi escolhido como o primeiro Governador-Geral. Dom João III concedeu-lhe esta posição devido aos serviços reais prestados ao governo e determinou: “mandar fazer uma fortaleza e povoação grande e forte em um lugar conveniente na baía de Todos os Santos, que é o lugar mais indicado para esta finalidade nas terras ditas do Brasil”. Todas as normas e as regras que deviam orientar o processo de povoamento do Brasil estavam indicadas neste documento, mostrando raro discernimento e larga visão de estadista não só do rei como do seu ministro, o conde de Castanheira.

Para citar apenas algumas:

I - Quanto ao sítio em que se deveria levantar a cidade do Salvador, esclarece:

- 1) devia ser um local sadio, de bons ares e água abundante;
- 2) precisaria ter condições para o funcionamento de um porto, em que pudessem amarrar, serem mantidos e consertados, se necessário, os navios em trânsito.

II - No que se refere à fortaleza e povoação grande e forte, ordenava-se:

- 1) que o sítio a ser escolhido por uma equipe constituída de pessoas conhecedoras do local, que viessem com o Governador e com o Mestre de Obras Luis Dias, devia satisfazer à maioria das condições pré-citadas. Aí seria erguida uma fortaleza do tamanho e acordes com o lugar de sua localização;
- 2) Na execução dessa tarefa para a qual o Governador contaria com a preciosa colaboração do Mestre Luis Dias, deviam ser obedecidas a "traças e amostras" entregues em Lisboa. Por conseguinte, Luis Dias em suas altas funções de Mestre de Obras da Cidade de Salvador não possui inteira liberdade de ação no particular, devendo conformar-se com os traços e amostras que vieram com Tomé de Souza.
- 3) No que se refere aos recursos humanos, fundamentais e da maior importância na realização de qualquer trabalho significativo, o Governo decidiu que para a construção da cidade o governador será acompanhado de diversos oficiais qualificados: pedreiros, carpinteiros e outros inclusive alguns especializados no fabrico de tijolos, telhas e cal.
- 4) Quanto aos recursos materiais, estes fazem parte das instruções governamentais, mas à vista do desconhecimento sobre a real situação do Brasil, a responsabilidade de sua escolha deixa-se ao critério do Mestre de Obras da Cidade em função das condições aqui existentes. Entretanto, para assegurar a solidez do trabalho há uma enumeração dos materiais prioritários que se classificam na ordem de preferência seguinte:
 - a) pedra aparelhada
 - b) pedra e cal
 - c) pedra e barro, ou taipais
 - d) madeira

Essas breves indicações mostram claramente que as instruções contidas no regulamento de Tomé de Souza sobre a construção da primeira cidade do Brasil eram precisas.

Desde sua chegada, no dia 29 de março de 1549, o Governador começou a procurar o local mais conveniente para a construção da futura cidade de Salvador na baía de Todos os Santos.

Luis Dias - decano dos arquitetos brasileiros - e Mestre de Obras de talento chegou na mesma época. Era homem de indiscutível capacidade e desde muito tempo profissional experiente, que veio para Salvador desenvolver sua arte no exercício de suas funções. Ele havia sido indicado por Miguel de Arruda, grande mestre de todos os trabalhos de fortificações de metrópoles e das colônias do império português.

Após competentes buscas, a área correspondente hoje ao bairro da Sé foi escolhida como preenchendo plenamente as condições de cidade-fortaleza. De fato, esta eminência com altura média de cerca de 65 metros sobre o mar, de fácil defesa e segura, e havia uma garganta do lado da terra. Além disso, a água era boa, o que era seguramente algo apreciável, sem considerar as gargantas nas extremidades norte e sul. Por conseguinte, as condições eram atendidas: água, madeira para a construção e barro; brisa fresca e vista magnífica e inexpugnável sobre a baía de Todos os Santos até os dias atuais. Foi na parte baixa, na praia, na estreita faixa de terra, que teve começo a construção da primeira ermida consagrada a Nossa Senhora da Conceição e a instalação de armazéns e outras construções indispensáveis aos serviços do porto em seus primórdios, e já em atividade, pois as comunicações entre a Metrópole, o Recôncavo e outras praças eram feitas por via aquática, meio que se manteve durante muito tempo.

Luis Dias, como previsto, trouxe "traças e amostras" de Portugal, mas foi obrigado a ajustá-las com certa liberdade, para torná-las mais compatíveis ao terreno escolhido e, ao mesmo tempo, conservar a aprovação do Rei, em determinados casos e, sobretudo, a de seu superior hierárquico imediato Miguel de Arruda.

A correspondência trocada entre Luis Dias e Miguel de Arruda ou com o Rei foi quase inteiramente perdida, assim como as plantas e desenhos enviados daqui para a Metrópole pela navegação qualificada. Apenas duas cartas são conhecidas até hoje. Uma para o Rei e outra para Miguel de Arruda, ambas de 1551, dois anos após o início da construção da cidade. Ainda que pouco numerosas, estas permitem compreender vários pontos sobre a Cabeça do Brasil nos seus primórdios.

O núcleo matriz e seu desenvolvimento inicial

A instituição do Governo-Geral do Brasil e a fundação de sua primeira capital - Salvador - são conseqüências do processo de expansão da sociedade europeia, levado a efeito pelo capitalismo em sua primeira fase, sendo a cultura renascentista seu suporte.

No Novo Mundo português ou no espanhol há, na época, uma projeção de cultura, instituições e costumes.

Para se estabelecer e se desenvolver a cidade de Salvador foi, antes de tudo, fundamentalmente, um centro de exploração econômica e de comércio interno e externo, por conseguinte, um centro distribuidor do que vinha do Velho Mundo e do que seria enviado à Metrópole. Isto é, era ao mesmo tempo cidade, porto, entreposto de circulação dos produtos locais e de matérias-primas que ligavam o Brasil a Portugal.

Conforme o espírito expresso no programa de construção da “Fortaleza - Povoação Grande e Forte” era preciso no menor espaço de tempo alojar o governo para permitir seu funcionamento normal. Imprimiu-se, por isto mesmo, um ritmo acelerado às obras, no máximo de suas possibilidades, de modo que o Governo-Geral estava instalado e em funcionamento no primeiro semestre de 1549.

Para princípio da edificação da cidade providências tiveram que ser adotadas para o armazenamento de materiais e ferramentas, oficinas e barracões para os trabalhadores e soldados. Por isto, a construção começou pela praia, local em que se levantou a primeira ermida consagrada a Nossa Senhora da Conceição, padroeira do Governador e na qual desde o mês de abril de 1549 o padre Nóbrega já pregava para “o Governador e sua gente na nova cidade que se começa”. (1)

Durante a extrema urgência dos primeiros dias os soldados, operários e emigrantes trazidos para os trabalhos da cidade galgavam a montanha pela manhã para o trabalho e voltavam no fim da tarde para pernoitar nas naus fundeadas no seguro ancoradouro defronte na baía. Desse modo, o porto, de logo foi muito frequentado tanto dos europeus como dos naturais.

Pode-se então constatar que o movimento maior, nos primeiros tempos, se concentra na parte baixa da cidade - no bairro da Praia “onde se erguiam as oficinas, os depósitos, os ranchos dos artífices e obreiros; ali continuavam ancorados os navios. Mourejariam na Ribeira os marinheiros, os pescadores, os funcionários e serventes dos armazéns, além da maioria dos mestres, oficiais e ajudantes” (2), tanto que, dois anos depois, em 1551, Antonio Cardoso de Barros considerava a Cidade Alta “mui vazia, assim de casas e de gente”. (3)

Na mesma época, Mestre Luis Dias iniciava na parte alta, a preparação dos baluartes e cerca e o arruamento, após o que procedeu à locação da praça que ia se tornar o centro administrativo do Brasil até 1763 e da Bahia daí até aos nossos dias, seguindo-se o início da construção dos edifícios públicos que ele havia concebido.

O acampamento inicial, núcleo embrionário da cidade de Salvador, corresponde agora na Cidade Alta ao trecho compreendido entre a Praça Castro Alves e o início da Misericórdia. Havia uma depressão no terreno que permitiu fazer uma obra de defesa relativamente precária, enquanto na estreita faixa de terra do já renomado bairro da Praia - que ia da Preguiça até a Praça Cairu - as atividades portuárias, comerciais e públicas estavam em franco desenvolvimento. O Desenho nº 1 mostra esta situação.

Esse núcleo primitivo, ainda sob a administração do 1º Governador-Geral, já havia sido ultrapassado, pois, em 1553, antes do retorno de Tomé de Souza e de Luis Dias para Portugal, havia construções no bairro da Misericórdia e até mesmo no Terreiro onde os jesuítas começavam suas primeiras edificações (ver Desenho nº 2).

O crescimento para o lado norte da capital do Brasil continuou durante as décadas seguintes o que provocou sucessivos deslocamentos da Porta Norte inicialmente na entrada da Misericórdia. Primeiramente, ela foi transportada ao ponto correspondente à atual Praça da Sé, bem próximo ao limite norte do Palácio de Dom Sebastião Monteiro da Vide, em seguida em direção a sua posição definitiva no Largo do Pelourinho com o nome de Porta do Carmo. No extremo sul, encontravam-se as portas de São Bento e o bairro da Praia estendia-se para o norte com algumas construções fora da parte baixa da Ladeira da Montanha.

Em 1584, antes do final do primeiro século de existência de Salvador, Gabriel Soares de Souza, o maior memorialista do século XVI, fez uma interessantíssima descrição da cidade e de seu Recôncavo. Com base no autor da *Notícia do Brasil* e consultando também outros historiadores da época, é possível compreender como a cidade de Salvador se desenvolveu.

A cidade de Salvador em 1600

Em 1600 a cidade de Salvador localizava-se no espaço entre as gargantas norte e sul - Pelourinho e Barroquinha - onde estavam as duas portas:

- 1) De São Bento, na atual Praça Castro Alves, de onde sobe para a Rua Chile e Ladeira de São Bento e desce-se para a Barroquinha e a Conceição.
- 2) As Portas do Carmo, subindo para o Carmo e o Terreiro de Jesus, no Largo do Pelourinho e descendo para a Baixa dos Sapateiros e o Taboão.

Do exame do Desenho nº 3 executado segundo a planta de Teodoro Sampaio que se baseou no existente no *Livro que dá razão do Estado do Brasil*; e do estudo de outras fontes indicadas, chegamos ao estado da Cidade de Salvador cinquenta anos depois da chegada de Tomé de Souza, e do início de sua construção.

Observa-se aí já uma segunda praça, o Terreiro de Jesus, e se nos detivermos em um exame mais acurado do seu tecido urbano, notaremos facilmente que os arruamentos básicos são os mesmos com alterações muito pequenas e irrelevantes.

Verifica-se, todavia, que já existiam os dois centros de maior importância em toda a vida da cidade, da sua origem aos nossos dias, a saber:

O centro administrativo, na atual Praça Municipal, onde muito tempo depois seriam instaladas as sedes do Executivo, do Legislativo e do Judiciário; Luís Dias estabelece as fundações da Casa da Relação destinada à residência e aos trabalhos do primeiro Governador-Geral.

O centro cultural, no Terreiro, ao fundo do atual Cruzeiro de São Francisco, esteve o Colégio de Jesus desde o seu início no século XVI e o primeiro estabelecimento desta Ordem, que aí permanece muito ampliado e magnífico.

O bairro da Praia, como era chamada a Cidade Baixa, tinha pequena extensão e pouquíssima profundidade: a ermida da Conceição que se elevava aí era o fulcro dessa ocupação, primeiro zoneamento habitar-trabalhar, com curta distância ou nenhuma, entre as duas funções. Resolviam-se, por isso mesmo, os incipientes problemas de circulação. Era zona de preferência comercial e de construções navais, vocação esta que permanecia constante ampliando-se sempre nos séculos seguintes. Foi aí mesmo que se desenvolveu o mais importante centro de construções navais do Brasil até o Império e se estabeleceram de início os carpinteiros, marceneiros, calafates e outros operários comuns a estaleiros, ao lado de comerciantes, sobretudo os dedicados à importação e à exportação.

As comunicações entre as cidades baixa e alta se deram, desde o começo, através de ladeiras, algumas das quais ainda hoje são utilizadas, como Misericórdia, Conceição, Preguiça e outras.

As ligações entre as partes alta e baixa da Cidade de Salvador, de cerca de 60 metros, não era fácil, constituindo-se em tarefa árdua transportar as mercadorias no sentido ascendente. Por isso mesmo, desde os primórdios da cidade, começaram a surgir guindastes para o cabal desempenho das

comunicações referidas, sendo renomados os guindastes dos padres Jesuítas. Estes pioneiros foram rapidamente seguidos pelos Beneditinos e pelos Carmelitas. As vantagens eram enormes e muitos particulares pagavam para usar estes aparelhos.

O desenvolvimento continuou em sentido norte, a partir da Misericórdia, para o bairro da Sé e Terreiro de Jesus e adjacências, e, mais tarde, para o Carmo, no final do século XVI, cujo convento foi o núcleo da cidade com a construção de casas, então extramuros, em suas imediações.

No sentido sul, também fora dos muros, o Mosteiro de São Bento começava a ser erguido e brevemente se tornaria o centro do bairro de São Bento em formação e em expansão.

Como se sabe, os edifícios religiosos aqui como em toda parte constituíam-se em núcleos de povoamento e em sua volta apareciam as habitações.

Para fora das portas se estendiam terrenos baldios, por morros e baixadas com caminhos para o porto, para Vila Velha, desta ao Rio Vermelho, e daí para o norte e para o interior. Adiante a Quinta dos Padres e Água de Meninos, no extremo oposto da cidade, depois do Convento das Carmelitas, para o norte, havia um pouco antes e na mesma direção moradores esparsos do bairro de Santo Antonio e, no fim, a primitiva capela de Santo Antônio.

Foi assim que Salvador passou para o século XVII. Tinha sido conquistada a colina da Sé, Mancha Matriz, esboçando-se os primeiros desenvolvimentos para o sul, por meio do Mosteiro de São Bento, muito modesto na ocasião, e do casario que havia nas suas proximidades, pouco denso. Para o norte, o Convento do Carmo, como o Beneditino que acabava de ser construído na cidade, com construções nas suas proximidades.

Em relação, porém, ao acampamento primeiro de Tomé de Souza, a Cabeça do Brasil crescera muito.

Séculos XVII e XVIII

Para a cidade de Salvador, os séculos XVII e XVIII caracterizaram-se por dois períodos bem distintos:

1.O primeiro limitou as iniciativas muito ousadas relativas à expansão urbana, pois temia-se as invasões estrangeiras que efetivamente aconteceram durante

a primeira metade do século, quando a cidade foi tomada, em 1624, pelos holandeses. A guerra de retomada de Salvador, iniciada sob a forma de guerrilha por elementos já enraizados no Brasil, terminou com a chegada da poderosa armada hispano-lusa, sob o comando de Dom Fradique de Toledo Osório, em 1625. Finalmente, as constantes lutas dos batavos, antes de 1624 e depois de 1625, continuaram até 1649 quando Maurício de Nassau se esforçou em vão para retomar Salvador e mais uma vez foi repellido.

2. Liberada dessa terrível obsessão, a cidade de Salvador restabeleceu com segurança as comunicações com o Recôncavo, o Brasil e com os países de além-mar (Portugal, África, Ásia); iniciando-se um período de grande desenvolvimento econômico que foi fator decisivo na fase que se prolongou, com raros períodos de depressão, até o final do século XVIII. Foi a época de ouro de Salvador que atingiu o mesmo patamar das mais importantes cidades portuguesas abaixo da linha do Equador e a segunda do império português.

Ao longo da primeira metade do século XVII, a cidade de Salvador, apresentava em razão das causas expostas acima, um desenvolvimento limitado, sobretudo devido aos problemas provocados pela defesada cidade após a primeira invasão holandesa (1624-1625). A experiência adquirida então permitiu aprimorar o sistema de defesa que se mostrou eficaz até o final das invasões batavas subsequentes.

Durante o período de ocupação, embora curto, os flamengos infligiram consideráveis danos à cidade, inclusive destruindo parte do seu tecido urbano, particularmente nos novos bairros que começavam a se consolidar e desenvolver - São Bento e Carmo. Por isso, buscaram fortificar o recinto entre portas e marinha, no intuito de conservar a presa. Foi nessa oportunidade que surgiu o Dique dos Holandeses, interno, resultante do barramento do rio das Tripas, criando-se um obstáculo aquático ao assédio dos cidadãos.

Esses acontecimentos, ainda que apresentados esquematicamente, bastam para demonstrar de forma perfeitamente compreensível o desenvolvimento relativamente fraco de Salvador nessa época.

A cidade de Salvador em 1650

Recorrendo-se a documentos iconográficos confiáveis como os de Teixeira Albernaz e outros encontrados em museus holandeses por Joaquim de Souza Leão foi possível preparar uma planta bastante correta da cidade de Salvador em 1650 (Desenho nº 4).

Por motivos já considerados, a capital do Estado do Brasil, em 1650, apresentava pequena diferença em relação ao ano de 1600, do ponto de vista do desenvolvimento de sua área urbanizada.

A população da cidade, que é estimada pelos estudiosos mais criteriosos em 10 mil habitantes no final do século XVI, mais tarde, cinquenta anos depois, voltará a este nível.

Consideraremos, aqui, a cidade propriamente dita, inclusive os arrabaldes próximos e seus arredores, examinando-se o bairro da Praia na Cidade Baixa e, em seguida, a Cidade Alta.

Bairro da Praia

Confinado a uma estreita faixa de terra próxima à montanha, possibilitava as condições necessárias para a fixação do homem, aí se estabeleceu desde o início da construção da cidade, tornando-o importante por desempenhar a primordial função de porto, indispensável às comunicações com a Metrópole, e seu Império e com o próprio Estado do Brasil.

Daquela pequena extensão, correspondente ao trecho entre a atual Preguiça e a Praça Cairu, local inicial do bairro, estendera rapidamente a ocupação até a altura do que é hoje a Praça Conde dos Arcos, parte baixa da Ladeira do Taboão, conservando em todo o seu comprimento as características de uma rua, só ladeada de construções de preferência de funções comerciais como armazéns, trapiches e similares, existindo também estaleiro de construção naval na parte da Ribeira das Naus e residências, sobretudo no trecho vizinho à Conceição da Praia, cuja igreja continuava a ser bastante frequentada. Era, por conseguinte, a solução linear.

Ainda que a comunicação por mar continuasse a ser a preferencial, havia também caminhos terrestres, precários, permitindo acesso a Água de Meninos e daí a Monserrate e a Ribeira, em cujos pontos continuavam a existir núcleos de expansão.

O porto, bastante frequentado, abrigava os navios que traziam as mercadorias do exterior e levavam o açúcar do Recôncavo e os produtos primários exportáveis. O bairro da Praia desempenhava, por isso mesmo, ao mesmo tempo funções residenciais, comerciais, portuárias e de construção naval.

Comunicações entre as cidades Alta e Baixa

No primeiro século (1549-1650) após a fundação, as comunicações entre os dois níveis da Cidade de Salvador, desenvolveram-se de forma apreciável:

- a) As ladeiras existentes nos primórdios da cidade foram melhoradas: indo do Carmo e Misericórdia à Praça do Palácio, Conceição da Praia, Gameleira, Preguiça.
- b) Uma ligação foi estabelecida das Portas do Carmo com a parte baixa, em um traçado correspondente ao atual trajeto: Pelourinho, Taboão, Ladeira do Taboão.
- c) Quando os combates contra Nassau cessaram (1638), a Ladeira da Água Brusca, vizinha à Água de Meninos e Santo Antonio Além do Carmo, tornou-se praticável.
- d) Guindastes.

Numerosas são as gravuras seiscentistas em que figuram os guindastes da Cidade de Salvador “mediante os quais eram conduzidas todas as mercadorias pesadas da beira do mar até a Cidade Alta, deslizando sobre duas pontes de madeira”. Quatro eram planos inclinados, com cuja ajuda subiam da praia à cidade alta os volumes descarregados de navios e barcos.

Esses guindastes, atuais planos inclinados e elevadores, representam importante contribuição de Salvador, colocando-a em posição especial no processo de transporte e transformação de adaptação progressiva em vista do progresso tecnológico; atualizando-os sempre na busca de solução racional para o transporte vertical entre as cidades alta e baixa e vice-versa, de pessoas e cargas.

Cidade Alta

A situação da Cidade Alta será examinada em partes, a saber:

Entre portas:

Limitadas pelas Portas Sul - de São Bento - e Norte - do Carmo - no sentido Sul - Norte e no nascente pelo Dique dos Holandeses, e no poente pela escarpa abrupta da Falha, o recinto urbanizado aí existente conservava o mesmo traçado de suas ruas e praças - do Palácio e do Terreiro de Jesus - tal como se encontravam em 1660, e com pequenas alterações se conservou até o início do século XX.

As construções públicas e privadas, militares, civis e religiosas, essas últimas constituindo verdadeiros núcleos de povoamento e de desenvolvimento urbano, aumentaram em quantidade e em qualidade.

Melhor definidos encontravam-se espaços abertos principais, a saber:

- a) Centro Político-administrativo representado pela Praça do Palácio, onde se achavam o Palácio dos Governadores, a Casa de Câmara e

Cadeia e outros edifícios públicos ao lado de poucas casas. Era o centro do poder político, decisório nos níveis de ação da Metrópole - Governador-Geral - e da comunidade - a Casa de Câmara e Cadeia.

- b) Centro religioso-cultural representado pela Igreja da Sé Catedral ainda em construção; pela igreja e demais dependências da Companhia de Jesus, incluindo-se o Colégio, setor consagrado aos estudos gerais onde a juventude de Salvador era instruída; e pela Igreja e Convento de São Francisco, tendo como ponto focal o amplo espaço correspondente ao Terreiro e Cruzeiro de São Francisco, já então ornado de edifícios permanentes e de boa fatura.
- c) De permeio entre a Praça do Palácio e o bairro da “Sé Catedral”, a Santa Casa da Misericórdia, composta de igreja, dependências anexas e hospício, mantido igual até nossos dias.
- d) Da Praça do Palácio para o Sul, até as portas de São Bento idêntico arruamento, com a Igreja da Ajuda e seu largo fronteiro e as ruas paralelas e normais à encosta, já tratadas com maior densidade de construção.
- e) Do Terreiro às portas do Carmo, com maior número de construções, mas com o mesmo arruamento.

O Centro Direcional dessa ocupação era constituído por um eixo paralelo à escarpa, em que se situava a principal artéria, que começava nas Portas do Carmo, ao Terreiro, daí tomava a Rua do Colégio atrás da Catedral e continuando pela Misericórdia (hoje Rua Chile) até a Praça do Palácio, a Rua Direita dos Mercadores e, finalmente, as portas de São Bento. Ao longo de todo o percurso, de fato a principal via de circulação no espaço entre as duas portas, havia as casas comerciais, residências e diversos edifícios de serventia pública.

O traçado dessa parte da cidade foi mantido, em parte sem modificações até nossos dias e apenas, recentemente, sofreu algumas alterações.

Fora de portas

Saindo da cidade na direção norte indo para o Carmo e para Santo Antonio e na direção sul para São Bento, os trabalhos no final do século XVII consistiram principalmente na reconstrução do destruído pelo inimigo.

O eixo principal da composição urbana alongou-se, em 1650, até atingir uma distância comparável a do Largo de Santo Antonio Além do Carmo até São Pedro. Este trecho urbanizado mostrava o predomínio da forma linear ao longo da escarpa, do ponto de origem até a porta de São Bento, onde a maior largura do sítio possibilitava outro desenvolvimento como o do Bairro da Sé.

Tinha sido, por conseguinte, a conquista da primeira linha de cumeada que iria delimitar a cidade, iniciada no atual bairro da Sé e prosseguindo pelos de Santo Antonio ao norte e de São Bento e São Pedro, ao sul.

A conquista da segunda cumeada: seu início

Durante a ocupação holandesa (1624-1625), os invasores construíram a barragem do rio das Tripas para obter uma defesa mais fácil nessa direção, ao mesmo tempo realizando outros trabalhos com a mesma finalidade na extensão compreendida entre as portas e o bairro da praia.

Considerando as circunstâncias, as forças locais organizadas para a retomada da cidade no período de cerco terrestre que antecedeu ao ataque final e definitivo - tiveram de se estabelecer, construindo inclusive quarteis nos sítios de Palma, Santana, Desterro e Saúde e outros que eram pontos a cavaleiro, iniciando-se, por isso mesmo, a conquista dessa segunda linha de cumeada. O Desenho nº 4, referente à cidade de Salvador em 1650, explica o texto e mostra como Salvador havia crescido durante o primeiro século de sua existência.

O período áureo da época colonial

A segunda metade do século XVII é considerada, acertadamente, como o período áureo da cidade de Salvador na época colonial.

É fácil acompanhar o desenvolvimento urbano da cidade considerando as numerosas fontes confiáveis sobre o assunto; como a notável *História da América Portuguesa* de Sebastião Rocha Pita; a importante contribuição de José Antonio Caldas em *História Geral de Toda Esta Capitania da Bahia desde o seu Descobrimento até o Presente Ano de 1759*; a obra de Luís dos Santos Vilhena, trabalho substancial escrito no final do século XVIII; as pesquisas nos arquivos do Estado da Bahia e do Município de Salvador, além das plantas da Cidade de Salvador de José Massé (1714), Caldas, José de Azevedo Galeão (1785) e de Joaquim Vieira da Silva (1798), as duas últimas de excelente qualidade para a época em que foram traçadas.

Reunidos adequadamente os escritos e a iconografia permitem situar de modo bastante preciso o desenvolvimento urbano de Salvador de 1730 a 1800.

Foi a riqueza agrícola e industrial, a que veio se juntar a do tabaco, outra das bases econômicas da colônia, a mineração e também a pecuária que tornaram possível o florescimento que permitiu, na segunda metade do século XVII e primeira do século XVIII, a construção de edifícios importantes e nobres aqueles que ainda perduram, recordando-nos o fausto da época. São do período as seguintes obras, entre outras: a Casa de Câmara e Cadeia, de

extrema perfeição; o antigo Palácio dos Governadores e Vice-Reis, igualmente perfeito; o Conjunto dos Jesuítas destacando-se a igreja, hoje Catedral; os monumentos homogêneos dos Franciscanos, Carmelitas e Beneditinos e suas respectivas Ordens Terceiras; as igrejas e outras dependências da Conceição da Praia e São Domingos; o magnífico conjunto de Santa Tereza; o Noviciado, uma das construções mais notáveis que pertencia aos Jesuítas; os conventos das Freiras do Desterro, Lapa e Soledade: as igrejas de Palma, São Pedro Velho, Santana, Ajuda, Pilar, Boqueirão, Rosário dos Pretos do Pelourinho, Santo Antônio da Barra, São Miguel, Boa Viagem, Monserrate, Paço, Saúde, Mouraria, Barroquinha, Penha e muitas outras ainda; o majestoso conjunto da Santa Casa da Misericórdia etc.

No que se refere à construção civil, a Quinta do Tanque, local de retiro dos Jesuítas desde o século XVI, posteriormente ampliada, mostrava desde seus primórdios sua forma definitiva após os trabalhos de Dom Rodrigo José de Menezes que a destinava para hospital; o Paço do Saldanha, o Solar Berquó, o Solar Ferrão, a Casa do Conde dos Arcos no Garcia; a Casa dos Setes Candeeiros; o Solar Coronel; a Casa de Repouso do Arcebispo na Penha, o Palácio da Sé estão entre as mais notáveis.

Foi, inegavelmente, o período áureo da cidade de Salvador quando profissionais competentes - arquitetos, engenheiros, mestres de obras, escultores e pintores, alguns formados pela Escola de Arquitetura da Bahia - que funcionou do início do século XVIII até o início do século XIX - exerceram suas respectivas artes com paciência, coragem e talento.

A capital do Brasil em 1730

A cidade de Salvador, Cabeça do Brasil, tornara-se uma das cidades mais importantes do império português, tendo a sua frente apenas Lisboa e a cidade do Porto. Vasco Fernandes Cesar de Menezes, Conde de Sabugosa, administrava o Brasil na qualidade de vice-rei e realizou um governo muito frutuoso.

A História da América Portuguesa de Sebastião Rocha Pita constitui preciosa informação, assim como a excepcional planta da cidade de 1714 do Brigadeiro João Massé, permite que se tenha uma ideia de como era Salvador em 1730.

Bairro da Praia - Cidade Baixa

A ocupação da faixa de terreno às margens da baía de Todos os Santos havia progressivamente se alongado e ia da Preguiça até Água de Meninos,

mediante uma solução de tipo linear. Única solução possível em uma estreita faixa de terra espremida entre a escarpa e a marinha. Da Preguiça até as proximidades da atual Praça Conde dos Arcos havia sólidas edificações de muitos andares.

Havia um setor público - Alfândega, Arsenal, Estaleiro Naval e outras; um segundo setor compreendendo edifícios religiosos com a igreja e demais dependências da Conceição da Praia em sua segunda versão; um terceiro, constituído pelos fortes e demais obras de defesa, destinadas à proteção do porto e, finalmente, os setores comercial e residencial para o desempenho das funções de trabalhar e habitar constituído de armazéns, trapiches, casas comerciais e residências disseminados por todo o espaço ocupado os dois primeiros da banda do mar e, os demais, ao pé da falésia.

A zona da Freguesia do Pilar, de ocupação mais recente, era trecho também de uma rua só, densamente edificada, mas com construções semelhantes, para fins idênticos.

Na extensa faixa entre Água de Meninos e Jequitaia, Calçada, Roma, Boa Viagem e Monserrate, pouco povoada, incluindo-se aí e servindo como focos de povoamento e desenvolvimento urbano, o Noviciado dos Padres da Companhia, na Jequitaia, recente, e as ermidas da Boa Viagem, dos Franciscanos, mais antiga, e de Monserrate dos Beneditinos, ereta nos fins do século XVI.

A Mancha Matriz da Cidade Alta

O coração da cidade, que se tornou o bairro da Sé, não mudou quanto à composição das ruas e praças. O progresso entre 1650 e 1730 foi consequência da situação de prosperidade alcançada que permitiu:

- 1) A ampliação e construção de edifícios públicos como a Casa de Câmara e Cadeia, em seu pleno desenvolvimento, no que se refere à ampliação procedida para ocupar todo o quarteirão; o Palácio dos Governadores, já então Vice-Reis; a Casa da Moeda e a Casa da Relação, o conjunto compondo um belo cenário que é a Praça do Palácio, já então sede do governo e verdadeiro centro administrativo do Estado do Brasil.
- 2) O adequado agenciamento da segunda praça da cidade, o Terreiro de Jesus e seu prolongamento pelo Cruzeiro de São Francisco, espaço urbano no qual se elevava a majestosa igreja ainda em construção e as demais dependências da Companhia de Jesus; a Igreja e o Convento de São Francisco e, ao lado, em andamento, com a capela e as dependências da sua Ordem Terceira; alguns exemplos de construções civis de arquitetura sóbria e nobre alguns cujos exemplares

sobreviveram, constituindo o conjunto que proporciona um ambiente bem representativo do que de melhor existe na história da arquitetura brasileira.

- 3) De permeio entre as duas praças, o conjunto da Santa Casa de Misericórdia, igualmente em obras, e o da Catedral da Sé são hoje relíquias de valor no seio do casario existente.
- 4) Das portas do Carmo até as portas de São Bento, pontos extremos Norte e Sul, respectivamente, da Mancha Matriz, permanecia o eixo direcional principal da composição urbana, paralelo à escarpa e atravessado de ruas, tudo conforme permitiam as condições do meio físico, nesse exíguo espaço de pouca profundidade.

Fora das portas na direção sul

Franqueada a Porta de São Bento, prosseguia o eixo básico pela atual ladeira de São Bento, rua Direita de São Bento, a mais espaçosa da cidade, em que se situava o Mosteiro de São Sebastião da Ordem dos Beneditinos. Terminando essa artéria no local em que se levantava a Matriz da Freguesia de São Pedro, cujo frontispício então em construção e atualmente, desaparecida, encontrava-se, dizem, entre as melhores.

Prosseguindo, pelo trajeto aproximadamente igual da presente Avenida Sete de Setembro, atravessava-se os bairros de Piedade, Rosário e Mercês, passando-se, de permeio, pelas igrejas do Rosário de João Pereira e do Convento das Mercês e, finalmente, o Forte São Pedro, ponto extremo da ocupação contínua nessa direção.

Paralelas ao eixo principal, da banda do mar, encontram-se as ruas de Baixo de São Bento, do Sodré, do Areal de Cima e do Areal de Baixo. Na parte baixa do Sodré, e defronte da ladeira que a ligava nesse ponto, com a rua de Baixo de São Bento (atual Carlos Gomes) e, prosseguindo essa artéria até a Cidade Baixa, pelas ladeiras da Preguiça e da Gameleira, encontra-se o Convento de Santa Tereza, com sua capela, conjunto ainda por concluir.

Entre a Piedade e o Forte São Pedro, da parte da terra havia a Rua Direita da Piedade que ia até a altura de São Raimundo e a oeste a Rua Senador Costa Pinto de agora. Na Rua do Cabeça, por onde se chegava ao atual Largo Dois de Julho, havia partes apenas indicadas e outras já construídas. Podia-se da mesma forma ter acesso ao Largo pela Rua da Força, em um local ainda livre de casas, a não ser no lanço do Sodré ao Areal de Baixo e em um dos lados da atual Rua dos Democratas, de traçado irregular, tornando-se confuso, à medida que se caminhava para a encosta rumo ao mar.

Da Piedade, começava um eixo secundário de penetração, a partir do principal - a futura Avenida Joana Angélica. Para esse eixo secundário foram se aglutinando, mediante eixos terciários Mouraria e Mangueira, terminando na Palma e na rua do Bengala. Na ocasião, em 1730, este setor contava com a Igreja e o Convento da Palma e a Capela de Santo Antônio da Mouraria focos iniciais em condições de se desenvolver. Da Palma, pela ladeira que lhe tomou o nome, atingia-se o Guadalupe e ascendia-se à Mancha Matriz. Do Bengala chegava-se à Palma, mas ia-se também a Gravatá e daí ao Desterro, indo-se daí a São Miguel e ao Pelourinho. O Desterro, que era outro bairro em formação, nucleado no Convento das Religiosas, o mais antigo de freiras da cidade ao qual havia dado seu nome. Seguindo a segunda linha de cumeeada, alcançava-se o bairro da Saúde, cujo princípio de povoamento ocorrera na mesma época do da Palma.

Considerando-se a situação de então do Distrito da Sé, na malha urbana já consolidada e as importantes funções aí desenvolvidas, compreende-se que a expansão urbana dos novos bairros possibilitara as comunicações da periferia com o centro das decisões políticas, administrativas, comerciais e outras, estabelecendo-se vias de ligação da Palma, Desterro e Saúde com a Mancha Matriz e o bairro da Praia, verdadeiros centros de atividade urbana na ocasião. O mesmo processo de desenvolvimento deu-se nos bairros extramuros a partir de São Bento, no sentido sul, e Santo Antonio Além do Carmo, no sentido norte.

Fora dos muros na direção norte

Ultrapassadas as portas do Carmo - rumo ao norte - estava-se no bairro de Santo Antonio, um dos primeiros urbanizados na época, atingindo o rumo do eixo direcional principal da composição urbana (atual Praça Santo Antonio Além do Carmo) onde se encontrava a respectiva fortaleza. Bem próximo, estava o Forte do Barbalho, quase concluído. Eram os pontos extremos do avanço urbano de então. A Igreja e o Convento do Carmo começavam a transformar-se em importante conjunto monumental da cidade com a adjunção da capela e outras dependências da Ordem Terceira.

À parte essa rua principal, o bairro crescera, seja no seu início, com a rua do Passo, seja no trecho final onde ruas paralelas e normais àquela “composta de muitas casarias” com “numerosa povoação”, segundo Rocha Pita. (5)

Do extremo norte desse importante bairro, ia-se à Quinta dos Padres, à Água de Meninos e, continuando em direção norte, alcançava-se o Alto da Soledade, que já possuía uma nova igreja de Nossa Senhora e seria em futuro próximo o fulcro da urbanização dessa zona da cidade.

Ao findar-se o primeiro terço do século XVIII, as principais igrejas e edifícios públicos da Bahia estavam prontos ou em andamento e, em torno daquelas, iam se agrupando a população, criando-se novos pontos de povoamento.

Contando com uma população de cerca de 30 mil habitantes e existindo mais de "seis mil fogos", Salvador era a segunda cidade do mundo português em importância só superada por Lisboa.

Salvador em 1800

As informações são numerosas para o período 1730-1800, permitindo acompanhar com segurança o desenvolvimento da cidade até o final do século XVIII.

- a) O frontispício da cidade de Salvador em 1758, de José Antonio Caldas.
- b) O frontispício que figura na obra de Vilhena em 1801.
- c) A excelente planta topográfica da cidade, em 1785, tirada pelo capitão José Azevedo Galeão.
- d) A magnífica planta feita em 1798 por Joaquim Vieira da Silva, engenheiro auxiliar. É a melhor planta da Cidade de Salvador de toda a época colonial e que facilitou bastante a composição do Desenho nº 6: Salvador em 1800.
- e) O que se contem na excepcional obra de José Antonio Caldas, *Notícia Geral de Toda Esta Capitania da Bahia Desde o seu Descobrimento até o Presente Ano de 1759*.
- f) O que se inclui nas *Cartas* I, II, III, V e VI em particular, de Vilhena, em que ele trata da situação da Cidade de Salvador nos últimos anos do setecentos.
- g) Fontes publicadas e inéditas colhidas nos Arquivos Estadual e Municipal de Salvador, além da copiosa bibliografia que trata do período considerado.

Da mesma forma que o livro de Rocha Pita e o Mapa de Massé foram peças essenciais para conhecer a cidade em 1730; em 1800, as *Cartas Soteropolitanas* de Luiz dos Santos Vilhena e as plantas de José Azevedo Galeão (1785) e de Vilhena (1801) representaram subsídios de base para um conhecimento adequado da situação de Salvador no final do século XVIII.

O século XIX teria início com a Cidade de Salvador ostentando um delineamento urbano definido, a partir do núcleo inicial: seja na Cidade Alta o bairro da Sé, seja na Cidade Baixa o bairro da Praia. No primeiro caso, a dominante artéria era ainda linear, na Rua Direita de origem que já agora ia do Forte de São Pedro ao sul, ao Forte Santo Antonio Além do Carmo ao norte,

com prolongamento linear até o Largo da Lapinha, prosseguindo daí pela Estrada das Boiadas para o interior. Todavia, do Núcleo Matriz irradiava para todos os lados da Campanha, ocupando terras originalmente, cobertas de matas e roças, aos poucos conquistadas pela expansão urbana da Cabeça do Brasil, a partir do século XVII, com a conquista da segunda linha de cumeeada, dando lugar a novas construções nos bairros resultantes desse desenvolvimento centrípeto.

Na Cidade Baixa, mais marcante era a dominante linear imposta pelas próprias condições do meio físico em vista da estreita faixa existente entre o mar e a falha geológica. Começava por uma ocupação difusa do Unhão à Preguiça, tornava-se contínua desse ponto até São Joaquim atual e Jequitaia. Daí para o norte, em direção da península de Itapagipe, a ocupação era também difusa.

Em profundidade, na Cidade Alta em direção leste, a ocupação era tênue em certos trechos e mais espessa em outros, numa forma aproximadamente triangular - Soledade - Forte de São Pedro - Dique da Fonte Nova, com densidade populacional e urbana variáveis.

Além dos pontos mencionados, havia acessos a povoamento rarefeito em Vitória, Graça, Barra e Rio Vermelho, ao sul; Calçada, Monserrate, Bonfim e Ribeira, em Itapagipe, ao norte; e Brotas a leste, em cujos altos predominava a propriedade, com plantações, inclusive, frutíferas.

As comunicações entre as cidades Alta e Baixa

Um problema de importância capital desde a criação de Salvador era a questão das comunicações entre a Cidade Alta e a Cidade Baixa, considerando a diferença de nível entre as duas. Após análises, diz Vilhena, chegaram a encontrar sete calçadas, na seguinte ordem:

- 1) Da Preguiça que, desde o início de Salvador até 1800, este era o único caminho, segundo o professor Régio, “por onde, com bastante risco, podem subir e descer seges da cidade para a praia”.
- 2) A da Conceição, da mesma época e de passagem difícil, tendo em “menos de meia altura da ladeira” começava “outro ramo” na direção norte “denominado Ladeira do Palácio, porque terminava ao lado da residência dos exmos. Governadores”.
- 3) Da Misericórdia, igualmente antiga, “perigosa a quem por ali transitava”.
- 4) Do Taboão.
- 5) Do Pilar, aos pés da encosta “que vai sair na Rua Direita superior, diante do Convento do Carmo, em um sítio chamado Cruz do Pascoal”.

- 6) Prosseguindo na mesma direção, em Água de Meninos “onde se fazem aguadas para todas as embarcações da marinha, tanto real, como mercantil ou do comércio” iniciava-se “a rota denominada “Água de Meninos”, menos elevada, mas comprida e por esta podem mais livremente subir seges: vai esta sair no caminho chamado d’Água Brusca”.
- 7) A última calçada, um pouco mais para o norte, era “bastante comprida, que vai sair na Rua da Soledade, pouco adiante da capela de São Jose”, é a atual Ladeira do Canto da Cruz.

Luis dos Santos Vilhena, professor real de grego, é bastante claro em sua descrição da cidade:

“A Cidade do Salvador

Pouco menos de meia légua para dentro da barra, e pelo pé da montanha, que acompanha a marinha, correndo de Nordeste a Sul - Sudoeste, fica a cidade do Salvador, começando na praia no sítio da Preguiça até a Jiquitaia, com uma rua tortuosa, mas continuada com propriedades de casas de três, e quatro andares, e outros grandes edifícios, tendo de oito para nove mil pés portugueses de comprido; e a esta povoação, que por toda a sua extensão, deita diversos becos, que vão morrer na marinha, chamam a Praia, ou Cidade Baixa. Por sete calçadas, que sobem pela colina procurando a campanha para a parte do nascente, se comunica esta com a Cidade Alta, que na mesma direção da montanha corre com uma semelhante rua, com tortuosidades não pequenas, desde o Forte de São Pedro, até o Convento da Soledade, com meia légua de comprido com pouca diferença. Na sua maior largura procurando a campanha ao nascente, poderá ter a cidade quatrocentas para quinhentas braças; bem entendido, que diferentes ruas acompanham aquela principal com direções diversas; os seus grandes edifícios, e casas nobres, são de ordinário pelo gosto, e risco antigos, em que se notam algumas, irregularidades, a exceção de poucos mais modernos.

Há nelas muitos edifícios nobres, grandes conventos, e templos ricos e asseados. Tem igualmente três praças que são: a Nova da Piedade, onde de ordinário vão trabalhar em exercícios os regimentos da sua guarnição; desembocam nela sete ruas, e poderá para o futuro via a ficar mais regular, quando se forem levantando alguns edifícios, que ornem o seu prospecto.

A Praça de Palácio, é um quadrado, a que um autor patricio dá 26.244 pés quadrados’ e é ornada pelo lado do Sul com o Palácio da residência dos Governadores; no oposto fica a Casa da Moeda, e duas propriedade particulares. Ao nascente fica a grande Casa da Câmara, e Cadeias, e no lado oposto estão os Paços da Relação, o Corpo da Guarda principal, e duas

insignificantes propriedades. Seis ruas vêm sair a esta praça pelas quais se comunica a toda a cidade.

É a terceira praça o Terreiro de Jesus; forma esta um retângulo a quem o mesmo autor dá 79.800 pés quadrados, e orna o seu lado ocidental o famoso templo, a parte do Colégio, que foi dos Jesuítas, destinado hoje, depois de arruinadíssimo para Hospital Militar; e fronteira fica a igreja dos Terceiros de São Domingos, com sua casa de consistório nobre, e de gosto moderno; e outra grande propriedade ao lado da igreja. Pela parte do Norte fica o templo da Irmandade dos Clérigos de São Pedro, ainda por acabar; e tudo o mais naquele lado são casas pequenas, antigas e irregulares; a face oposto é mais regular, e tem melhores edifícios: comunica-se esta praça com os bairros da cidade toda, por sete ruas, que nela vão sair.

Não é só no corpo da cidade, em que consiste a grandeza dela, mas em seis bairros, que a circulam; e são o bairro de São Bento, o maior entre todos, e o mais aprazível; todo ele fica ao sul sobre uma planície, com ruas espaçosas, asseados templos, e algumas propriedades nobre.

O bairro da Praia, opulento pela assistência, que nele fazem os comerciantes da praça; fica este ao Poente da cidade, ao correr da marinha, com não menores templos, fortalezas, e melhores edifícios. O de Santo Antonio além do Carmo, pelo norte da cidade, eminente à marinha, com edifícios de menos suposição em número, e qualidade.

Os bairros da Palma, Desterro e Saúde, que ficam pela parte do nascente, não são menos aprazíveis, pela amenidade das suas situações, todos eles com ares livres e desembaraçados.

Esquecia-me dizer-te, meu Filopono, que o clima desta cidade e seus contornos, é benévolo; os ares são puros, os astros claros e as fontes, que fecundam o pais, bastante cristalinas”.

Comparando esta descrição de Vilhena com a Planta de 1798, quase da mesma época, as coincidências são flagrantes entre os dois documentos fundamentais relativos à situação da cidade de Salvador duzentos e cinquenta anos após sua fundação, em 1549.

Como ocorreu o desenvolvimento até o final do século XVIII relativo a 1730, merece ser examinado em diferentes partes e na mesma ordem.

Bairro da Praia - Cidade Baixa

Em 1800, o bairro da Praia começava no sítio da Preguiça e ia até a Jequitaia com uma rua tortuosa, mas continuada, com propriedades de casas,

moradias de três e quatro andares e outros grandes edifícios sobre uma extensão de um pouco mais de dois quilômetros e meio.

Partindo-se da Preguiça, próximo ao Hospital Felipe Neri, ia-se para o Largo da Conceição pela Rua Direita da Preguiça “bem torta”, onde, ao lado do mar e em frente da igreja, estavam o Celeiro Público, os entrepostos e parte do Arsenal e os armazéns do mesmo. Encontrava-se nesse local, a residência do Intendente da Marinha, excelente edifício com uma boa “galeria de dez ou mais janelas com grades, e todos os cômodos que se requerem em um quartel nobre”.

Do Largo da Conceição à atual Praça Visconde de Cairu estava construída de uma ponta a outra. Na Praça Cairu e à beira-mar estava a Alfândega de então, seguindo-se a Igreja do Corpo Santo, o grande trapiche que serve d'Alfândega do Tabaco, onde funcionava também a Mesa de Inspeção e o Trapiche das Grades de ferro, próximo. Vinha em seguida um lugar que Vilhena descreve da seguinte maneira: “da Alfândega, pois para diante, e para frente do mar, começam becos medonhos por estreitos, imundos e escuros em extremo”, fato confirmado pelos viajantes que neles se aventuraram.

“Seguem diferentes ruas, um pouco mais largas que a principal” e “(...) na primeira para o norte paralela com a rua principal, estão debaixo de escuros arcos as lojas dos comerciantes”. Refere-se aos Cobertos - “com bancas de quinilhariás nas bocas dos arcos e, por todo este sítio é que se faz a maior parte do comércio grande da Bahia, sendo esta a paragem onde existe indizível cabedal”. Era aí, como se observa, que se exercia com maior intensidade a função comercial na Soterópolis.

O Taboão, cuja parte baixa já era objeto de cogitações para se tornar uma praça de comércio - o que positivaria pouco tempo depois - local considerado por Vilhena o centro da Cidade Baixa. A outra metade, a correspondente ao desenvolvimento na direção de Itapagipe tinha seu primeiro trecho pronto até o Noviciado dos Proscritos Jesuítas, Colégio dos Órfãos de São Joaquim de nossos dias. No seu primeiro trecho, Taboão - Água de Meninos, continuava a rua principal junto à montanha, contendo na banda do mar, primeiro Trapiche Julião seguido de perto pelo Forte de São Francisco, indo-se depois para o norte por um “lanço de rua pequeno acompanhada de altas propriedades por um e outro lado”, ou seja, o Cais Dourado. Logo depois e já no bairro do Pilar propriamente dito “estão as duas grandes propriedades ou soberbos trapiches, o da viúva de Manoel Pereira de Andrade e o chamado Barnabé; edifícios talvez os mais espectáveis de todos os particulares da Bahia; e daí começa a rua bastante larga e alegre até o átrio da freguesia de Nossa Senhora do Pilar; templo ainda que pequeno, muito asseado, e rico”.

Existe comprovação da excelência dos trapiches citados por Vilhena nos desenhos do álbum iconográfico comemorativo do bicentenário da transferência da sede do governo do Brasil intitulado *As cidades de Salvador e Rio de Janeiro no século XVIII*.(7)

Do Pilar até a Água de Meninos, continuava a rua principal com algumas voltas "segundo as que faz o pé da montanha, e depois de comprida distância acompanhada toda de casas e curtumes, desagradáveis pelo fétido" se chega a um largo "alegre e desafogado", Água de Meninos.

Prosseguindo já no trecho final, da Cidade Baixa até o Noviciado da Encarnação, com casas ao longo de todo o percurso, a Cidade Baixa propriamente dita terminava. De fato, mais ao norte, fora da zona propriamente urbana começava a vargem e os alagadiços de Itapagipe. Continuando três diferentes caminhos:

- 1) um pela praia chamada de Jequitaia até a ponta de Monserrate;
- 2) outro para o Bonfim ou Itapagipe de Baixo;
- 3) e o terceiro para Itapagipe de Cima, no sentido da praia do Papagaio, região de população pouco densa e de intenso acesso marítimo.

Cidade Alta

Na Cidade Alta alcançada por sete ladeiras vindas da praia, encontrava-se outra rua, particularmente tortuosa, na mesma direção da montanha até o Convento da Soledade. A cidade, voltada para o leste, media de 880 metros a um quilômetro e pouco em sua maior largura, segundo Vilhena.

Em 1880, Salvador possuía muitos edifícios, casas senhoriais, grandes conventos e igrejas ricos e asseados. Três eram as praças, a saber:

- 1) A Praça do Palácio e do Terreiro são, como se pode avaliar, descritos nos mesmos moldes por Vilhena e Rocha Pita, apesar do intervalo de tempo e as modificações ocorridas entre as duas publicações. A Praça do Palácio permanecia, em 1800, como centro administrativo com os mesmos edifícios que em 1730, como a Casa de Câmara e Cadeia concluída depois dos trabalhos realizados sob a orientação esclarecida de Dom Fernando José de Portugal, então governador da Bahia.
- 2) O Terreiro de Jesus sofreu numerosas transformações após a expulsão dos Jesuítas: a deterioração de suas propriedades, a destruição da parte onde "a juventude da Bahia havia sido instruída" e a afetação da igreja monumental e outras dependências ao Hospital militar. O Terreiro foi então ampliado pela relativamente nova Igreja dos Terceiros de São Domingos e do seu Consistório

Nobre, assim como o Templo da Irmandade dos Clérigos de São Pedro, ainda por acabar, tendo sido transferido após sua destruição por desmoronamentos de terra. Depois do Terreiro encontrava-se o Cruzeiro de São Francisco com o convento e a Igreja da Ordem Terceira de São Francisco, no fundo de uma rua larga, elegante, enquadrada por edificações de grande estilo como se podesse ainda hoje.

O bairro da Sé, inteiramente desenvolvido e urbanizado continuava a ser o centro das deliberações.

- 3) A nova Praça da Piedade, na qual desembocavam sete ruas, estava ainda pouco construída, mas dispunha de amplas possibilidades de desenvolvimento no futuro. A Praça da Piedade ocupava posição central em relação à parte da cidade compreendida entre o início do bairro de São Bento e o Forte de São Pedro. O bairro de São Bento, o maior entre todos, e mais aprazível, sobre uma planície com ruas espaçosas, aseados templos e algumas propriedades nobres. Da Piedade ao Forte de São Pedro, a população cresceu comparativamente a de 1730, conquanto as ruas tenham permanecido praticamente as mesmas.

Quanto aos bairros da Palma, do Desterro e da Saúde, mais novos, situados a leste, Vilhena considerou-os aprazíveis pela amenidade de suas situações, estando desembaraçados e com áreas ainda livres, sendo excelentes setores residenciais de Salvador, em franco desenvolvimento.

Prosseguindo até Santo Antonio Além do Carmo, cuja rua para Vilhena “um séquito da rua principal da Cidade Alta”, até a Igreja de Santo Antonio Além do Carmo e da Fortaleza vizinha, acrescentando que naquela época ia-se à praça, atualmente do Triunfo por “uma ladeira calçada, a quem chamam de Santo Antônio e chegando a Água Brusca sobe outra vez e a pouca distância fica uma capela de São José dos Agonizantes, onde recomeçava outra vez a povoação por uma rua larga, ou ladeira acompanhada de casas, pela maior parte térreas, até o Convento da Soledade, onde finaliza a Cidade Alta. Daí para o norte, continua por entre roças a estrada principal que entra na Bahia, chamada vulgarmente das “Boiadas, atual Estrada da Liberdade” por entrarem por ela todos que dos sertões descem para a Bahia”. A descrição desta parte da Cidade de Salvador é tão clara que dispensa comentários.

Quanto à parte restante da Cidade Alta, Vilhena escusou-se de descrevê-la, pelos motivos seguintes:

- 1) Não queria descrever esta parte da cidade, "por ser um trabalho que não merece a pena, atenta à desigualdade do terreno em que está situada".

- 2) "por ser um labirinto, de que me seria dificultoso sair, por ignorar a maior parte dos nomes das que são menos públicas, tanto travessas como becos"
- 3) E por haver na Cidade Alta "não menos de 38 subidas tendo a certeza de que não são poucas as de que não me lembro".

Esta falha de Vilhena felizmente foi compensada pela excepcional planta de Joaquim Vieira da Silva (1798), engenheiro auxiliar que apresenta nas margens, como se usava no século XVIII para os desenhos, preciosas informações que seu título explica: *Notas dos seus mais nobres e necessários edifícios*, com 68 indicações que permitem conhecer a localização dos edifícios mais excepcionais da cidade na época, tanto públicos, religiosos como militares.

Foi, sobretudo, com a ajuda da obra de Vilhena e da planta de Joaquim Vieira da Silva que o Desenho nº 6 foi preparado. Ele indica o estado no qual se encontrava a Cidade de Salvador em 1800, dois séculos e meio após sua fundação em 1549.

Ao passar do século XVI para o século XVII, a população da cidade de Salvador era de 10 mil habitantes. Em seguida, decresceu devido aos transtornos e às consequências da invasão e dos ataques holandeses. A partir da segunda parte do século XVII voltou a crescer, chegando a 20 mil habitantes em 1700 e a 40 mil em 1800, dobrando assim sua população durante do século XVIII.

Salvador cresceu muito, tornando-se uma grande cidade para a época. A maior e a mais importante da Cabeça do Brasil, rivalizando até mesmo com as cidades da Metrópole, com exceção de Lisboa e da cidade do Porto que a superavam.

DESENHO I 1551

Legendas

- 1 Porta Sul
- 2 Praça do Palácio
- 3 Igreja da Ajuda
- 4 Misericórdia
- 5 Igreja da Sé (arcebispado)
- 6 Terreiro
- 7 Colégio dos Jesuítas
- 8 Porta Norte
- 9 Igreja da Conceição da Praia
- 10 Ribeira de Góes
- 11 Bastião de Santa Cruz

DESENHO 2 1553

DESENHO 4 1650

Legendas

- 1 Conjunto de São Bento
- 2 Portas de São Bento
- 3 Igreja da Conceição
- 4 Bastião
- 5 Misericórdia
- 6 Centro Administrativo
- 7 Palma
- 8 Igreja da Sé
- 9 Colégio dos Jesuítas
- 10 Conjunto de São Francisco
- 11 Desterro
- 12 Capela do Desterro
- 13 Saúde
- 14 Portas do Carmo
- 15 Conjunto do Carmo

- 16 Capela de São Antonio
- 17 Forte de Santo Antonio

DESENHO 3 1580

- 1 Capela de São Sebastião
- 2 Porta Sul
- 3 Igreja da Conceição da Praia
- 4 Igreja da Ajuda
- 5 Bastião
- 6 Centro Administrativo
- 7 Igreja da Sé
- 8 Colégio de Jesus
- 9 Conjunto de São Francisco
- 10 Capela do Monte Calvário

DESENHO 6 1800

- 1 Forte de São Pedro
- 2 Conjunto das Mercês
- 3 Trem Real
- 4 Conjunto da Piedade
- 5 Conjunto da Lapa
- 6 Conjunto de São Bento
- 7 Conjunto de Santa Tereza
- 8 Igreja da Conceição da Praia
- 9 Palma
- 10 Centro Administrativo
- 11 Conjunto dos Jesuítas
- 12 Conjunto de São Francisco
- 13 Igreja de Nossa Senhora da Saúde

- 14 Conjunto do Carmo
- 15 Forte do Barbalho
- 16 Forte de Santo Antonio
- 17 Conjunto da Soledade
- 18 Noviciado dos Jesuítas
- 19 Forte do Mar (do mar)

NOTAS

1.- Nóbrega, Manuel da, Padre, S. J. AP. EDELWEISS, Frederico, Nossa Senhora da Conceição da Praia, a primeira igreja da cidade de Salvador e a esfera de atividades de sua paróquia. In: *O bi-centenário de um movimento baiano*. Salvador, Ed. Beneditina, 1971, p. 72 (Col. Conceição da Praia, 2).

2.- EDELWEISS, Frederico, op. cit. P. 75-6

3.- Ibid, p. 76.

4. ALDEMBURGK, Johan Gregor. *Relação da conquista e perda da Cidade de Salvador pelos holandeses em 1624-1625*. Imp. Graph. Revista dos Tribunais, 1961, p. 242 (Brasiliensia Documenta, 1).

5 PITA, Sebastião da Rocha. *História da América Portuguesa*. Belo-Horizonte, Itatiaia, São Paulo, Ed. da USP, 197, p. 47

6. VILHENA, Luís dos Santos, *A Bahia do século XVIII*. Salvador, Ed. Itapuã, 1961, v. 2, p. 44/46.

7. FERREZ, Gilberto. *As cidades de Salvador e Rio de Janeiro no século XVIII*. Álbum iconográfico comemorativo do bicentenário da transferência da sede do governo do Brasil. Rio de Janeiro, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1963, p. 59.

Bibliografia

ALVES, Marieta; SMITH, Robert; OTT, Carlos; RUY, Affonso. *História das Artes na Cidade de Salvador*. Prefeitura Municipal, Salvador, 1968.

AUGEL, Moema Parente. *Visitantes estrangeiros na Bahia oitocentistas*. Editora Cultrix, INL, MEC. São Paulo, 1980.

AZEVEDO, Thales de. *Povoamento da Cidade de Salvador*. 3ª edição, Ed. I tapua, Bahia, 1969.

BAZIN, Germain. *L'Architecture religieuse baroque au Brésil*. 2v. Paris, São Paulo, Plon, Museu de Arte de São Paulo, 1956/58.

BOXER, C.R. *A Idade de Ouro do Brasil*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1963. *The Golden Age of Brazil - 1600/1750* - Berkeley . University of California Press, 1962.

BOXER, C. R. *The Portuguese Seaborn Empire, 1414 - 1825*. Pelican Books, Hammondsworth, 1969.

BOXER, C.R. *Portuguese Society in the Tropics - The Municipals Councils of Goa, Macao, Bahia and Luanda, 1510 - 1800*. The University of Wisconsin Press, Madison, 1965.

CALDAS, José Antonio. *Noticia geral de toda esta capitania da Bahia desde seu descobrimento até o presente ano de 1759*. Tipografia Beneditina Ltda., Salvador, 1951.

CALMON, Pedro. *História da fundação da Bahia*. Museu do Estado da Bahia, Salvador, São Paulo, 1969.

CALMON, Pedro. *História do Brasil*, Cia. Editora Nacional, São Paulo, 5 vols, 1965.

FERRAZ, Gilberto. *As cidades do Salvador e Rio de Janeiro no século XVIII*. IHGB, Rio de Janeiro, 1963.

FREIRE, Gilberto. *O mundo que o português criou*. José Olympio, Rio de Janeiro, 1940.

FURTADO, Celso. *Formação Econômica do Brasil*. Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1969.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *História Geral da Civilização Brasileira*. T. I a III, Difel, São Paulo, 1976.

I.P.A.C. Ba., *Inventário de Proteção do Acervo Cultural*. 1º vol. Coordenado por Paulo Ormino David de Azevedo, Salvador, 1975.

LAPA, J. R. do Amaral. *A Bahia e a Carreira da Índia*. Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1968.

MATTOSO, Kátia M de Queiroz. *Bahia: A Cidade de Salvador e seu mercado no século XIX*. Hucitec, Salvador, 1978.

MAURO, Frédéric. *Le Portugal et l'Atlantique au XVIIIe siècle 1570 - 1670*. Ecole Pratique des Hautes Etudes, s.1., Paris, 1960.

MAURO, Frédéric. *Nova História e Novo Mundo*. Perspectiva, São Paulo, 1969.

MELLO DE MORAES. *Brasil Histórico*. Ed. Pinheiro & Cia., Rio de Janeiro, 1866.

NOVAIS, Fernando A. As dimensões da independência, *in*: Mota, Carlos G. *1822 Dimensões*.Perspectiva, São Paulo, 1972.

NOVAIS, Fernando A. *Estrutura e Dinâmica do Antigo Sistema Colonial (séculos XVI - XVIII)*.Cebrap, São Paulo, 1973.

OTT, Carlos. *A Santa Casa de Misericórdia da Cidade de Salvador*.SPHAN, MEC, Rio de Janeiro, 1960.

PARENT, Michel. *Protection et mise-en-valeur du Patrimoine culturel brésilien dans le cadre du développement touristique et économique*.UNESCO, Paris, 1966/7.

PEIXOTO, Afrânio. *Breviário da Bahia*.MEC/CFC, Rio de Janeiro, 1980.

PINHO, José Wanderley de Araujo. *História Social da Cidade de Salvador, 1549/1650*. Prefeitura Municipal de Salvador, Edição Comemorativa do 4º Centenário da fundação da cidade, Salvador, 1968, T. I.

QUERINO, Manoel. *A Bahia de outrora*. Livraria Econômica, Bahia, 1916.

REBOUCAS, Diógenes e FIGUEIREDO FILHO, Godofredo. *Salvador da Bahia de Todos os Santos no século XIX. Salvador of Bahia of all Saints in the 19th Century*. Construtora Norberto Odebrecht S.A., Salvador, 1979.

ROSSI, Aldo. *La Arquitectura de la Ciudad*.Colección Punto y Línea, Editorial Gustavo Gili S.A., Barcelona, 1976.

RUY, Affonso. *História política e administrativa da cidade de Salvador*.Tip. Beneditina, Bahia, 1947.

SANTOS, Paulo I. *Formação das cidades no Brasil colonial*. Trabalho apresentado no 5º Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros, Coimbra, 1963.

SIMAS FILHO, Américo Furtado de. (Coordenador). *Evolução física de Salvador*. Universidade Federal da Bahia (Núcleo de Publicações do Centro Editorial e Didático), Salvador, 1980 (Coleção Estudos Baianos).

SOUZA, Gabriel Soares de. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. Editora Nacional, Biblioteca Pedagógica Brasileira, Coleção Brasiliana, São Paulo, 1938, 3ª edição, série 5a. vol. 117.

SPIX E MARTIUS (Joh. Bapt. Von Spix/Carl Fried. Phil. Von Martius), *Reisen in Bresilien*, Munchen, 1823, *Viagem pelo Brasil 1817-1820*, 3 vols. Ed. Melhoramentos, 2ª edição, São Paulo, s/d.

TAUNAY, Affonso d'E. *Na Bahia colonial. 1610 - 1764*.

TAVARES, Luis Henrique Dias. *História da Bahia*. Centro Editorial e Didático da UFBA, Salvador, 1974.

TEIXEIRA, Cydelmo. *A grande Salvador, posse e uso da terra*. Governo do Estado da Bahia, Salvador, 1978.

TOLLENARE, L. F. de. *Notas Dominicais*. Livra. Progresso Editora., Salvador, 1956.

VIANNA, Francisco Vicente, com assessorado por José Carlos Ferreira, *Memória sobre o Estado da Bahia, feita por ordem do Exmo. Sr. Dr. Joaquim Manoel Rodrigues Lima*. Bahia, Tipografia e Encadernação Diário da Bahia, Bahia, 1893.

VILHENA, Luis dos Santos. *A Bahia no século XVIII*. Editora Itapuã, Bahia, 1956, 3vols.

A grande Salvador, posse e uso da terra. Projetos urbanísticos integrados - autores diversos. Governo do Estado da Bahia, Salvador, 1978.

<p>4.Estado da preservação/ da conservação</p> <p>a) <i>Diagnóstico</i></p>	<p>Durante o século XIX, o Centro Histórico de Salvador foi abandonado por seus ricos e tradicionais moradores, que migraram para os novos bairros que se desenvolviam em direção do mar e abandonaram os velhos sobrados.</p> <p>Estes se transformaram em moradias populares que foram ocupadas por moradores de baixa renda sem possibilidade de manter as residências no mesmo padrão inicial.</p> <p>A utilização das edificações garantiu a sua sobrevivência, mas os novos moradores não tiveram meios financeiros para conservá-las em bom estado e os antigos proprietários perderam totalmente o interesse por elas, devido à desvalorização da zona e dos graves problemas sociais que tornavam os aluguéis pouco rentáveis.</p> <p>Apesar da deteriorização sofrida, o conjunto guardou a maioria de suas características iniciais, sem sofrer as influências da nova arquitetura nem a tendência a se adaptar à circulação intensa, como aconteceu em outros bairros da cidade.</p> <p>E foi neste estado de conservação e de uso que grande parte do conjunto foi tombado, pela primeira vez em 1959, desde o Terreiro de Jesus até o Forte de Santo Antonio Além do Carmo.</p> <p>Foi apenas recentemente que o conjunto inteiro (agora apresentado) teve sua outra parte tombada. O tombamento inclui a encosta da montanha, a Mancha Matriz e se estende desde a Praça Castro Alves até a Praça da Sé. Seus imóveis foram mantidos em razoável estado de conservação graças ao comércio abundante, mas, foram, por outro lado, vítimas de algumas transformações de modernização. Essas modificações não foram um obstáculo, pois elas são marcas de valor documental sobre a evolução da arquitetura desses últimos cem anos, diante dos valores remanescentes neste local que conserva intacto o traçado primitivo do sítio onde a cidade começou.</p>

<p><i>b) Agente responsável pela preservação ou conservação</i></p>	<p>Além do SPHAN/Fundação Nacional Pró-Memória</p> <p>Rua São Francisco, 32, Casa dos Sete Candeeiros, Salvador - Bahia</p> <p>Tel.: (071) 243.88.61,</p> <p>o governo do Estado da Bahia, por intermédio do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC), Rua Gregório de Matos, 45 - Solar Ferrão - Salvador, Bahia</p> <p>tel.: (071) 241.3791,</p> <p>e o governo municipal de Salvador por intermédio do Órgão Central de Planejamento da Circunscrição de Salvador (OCEPLAN), Av. Sete de Setembro, no 1448, Campo Grande, Largo dos Aflitos, Salvador Bahia</p> <p>tel.: (071) 245.12.35</p> <p>atuam como agentes responsáveis pela proteção, conservação e restauração do Centro Histórico.</p>
<p><i>c) Histórico da preservação ou conservação</i></p> <p><i>d) Meios da preservação ou conservação</i></p>	<p>Até 1967, a Subsecretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) assegurava regularmente a conservação do conjunto, realizando trabalhos de restauração em monumentos de modo pontual, ainda que fazendo parte do Centro Histórico, tinham sido tombados isoladamente em data anterior devido ao seu próprio valor. Este foi o caso da Igreja e do Convento de São Francisco, da Catedral, do Palácio Episcopal, da Igreja e do Convento do Carmo e do sobrado nº 6 na Rua Inácio Acioli.</p> <p>Com base nas recomendações do relatório de Michel Parent, em missão da Unesco, uma campanha exaustiva de revitalização foi lançada a partir de 1967 a fim de executar trabalhos de maior envergadura e quantidade na zona protegida. O governo do Estado da Bahia criou a Fundação do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia, o atual IPAC, que instalou seu escritório no bairro mais deteriorado do conjunto e começou a funcionar concentrando suas atividades no Largo do Pelourinho e ruas adjacentes. Nesta época, vários trabalhos foram realizados somando-se recursos federais aos esforços do Estado. O SPHAN, por sua vez, executou uma série de trabalhos no Centro Histórico e em outros edifícios de caráter monumental da cidade de Salvador, seguindo o citado relatório de Michel Parent.</p> <p>Além dos cuidados em relação às edificações, a linha</p>

	<p>de trabalho estabelecida baseava-se nas necessidades das comunidades locais e dos dependentes do Centro Histórico. Para permitir um trabalho social mais eficaz, alguns imóveis foram desapropriados legalmente pelo Estado e utilizados para atividades públicas.</p>
	<p>Entre todos os trabalhos de restauração e adaptação dos casarios é preciso mencionar o Centro de Atenção à Criança do Maciel, quatro escolas profissionalizantes, um posto médico, uma delegacia de polícia, a sede do grupo Afoxé Filhos de Gandhi, o Museu e a nova sede do IPAC no Solar Ferrão, sem esquecer os sobrados transformados em co-propriedades residenciais de bom nível.</p> <p>Trabalhos importantes de conservação e restauração foram executados nos conjuntos monumentais de excepcional valor artístico como a Igreja de São Francisco, a Igreja de São Pedro dos Clérigos, a Igreja de São Domingos, a Casa dos Sete Candeeiros, o Forte de São Marcelo e a Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Praia.</p> <p>Outros esforços foram empreendidos para despertar o interesse de pessoas e empresas para a restauração e adaptação das edificações desta parte da cidade. Bons resultados foram alcançados neste sentido com a instalação de um hotel no Convento do Carmo, a construção do Hotel do Pelourinho, aproveitando o que restava da fachada do lado da Rua Alfredo de Brito, o Restaurante-Escola, o Teatro e Centro de Artesanato do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac), e um museu anexo à sede do Banco da Bahia.</p> <p>Além do tombamento utilizado pelo SPHAN como instrumento legal do Estado para desapropriar e da alocação de recursos para os trabalhos de restauração e adaptação das edificações, o governo municipal de Salvador associou-se recentemente aos trabalhos e começou a contribuir efetivamente para a proteção do Centro Histórico com a revisão do Plano Urbano da cidade.</p> <p>Este plano, em sua primeira versão, foi elaborado durante a década de 40 sem preocupação com a conservação do centro da cidade. Mas, atualmente, na sua terceira versão, esta preocupação se tornou uma de suas principais diretivas. A lei de regulamentação do uso e ocupação do solo urbano que resultou deste último estudo e que foi homologada recentemente após ter sido aprovada pela Câmara Municipal (prefeitura), assegura um tratamento sem igual à parte central de Salvador que é denominada “zona de proteção da paisagem”.</p>

	<p>Foi com este mesmo espírito que as medidas anteriormente aplicadas foram mantidas e incorporadas às atribuições e competências municipais favoráveis à proteção do sítio. O ordenamento do sistema de circulação do trânsito, entre outros, que, conquanto não elimine a travessia através do centro antigo, garante sua estabilização. As determinações sobre a localização das indústrias em zonas distantes do centro estão regulamentadas desde 1972. A proteção do centro mais antigo compreende, para o controle dos trabalhos, o limite de seu entorno. Na última fase dos estudos sobre a cidade de Salvador, este limite foi ampliado e regulamentado, incluindo a definição dos gabaritos para as construções na zona que vai da Cidade Baixa próximo ao mar até a encosta da escarpa de Nazaré do lado oposto ao mar.</p> <p>Ver Documentação suplementar 3</p>
<p>e) <i>Planos de gestão</i></p>	<p>Ver documentação suplementar 4</p> <p>O estabelecimento dessas medidas urbanas pelo poder municipal, os estudos e inventários das partes tombadas, os trabalhos de conservação, restauração e adaptação em imóveis realizados pelo SPHAN e pelo IPAC farão sempre parte do processo de preservação do conjunto.</p> <p>Esforços são também empreendidos para concentrar novos recursos, manter e desenvolver esses trabalhos. Um estudo está atualmente em andamento sobre o modo de implementar o Acordo feito entre o SPHAN e o Banco Nacional de Habitação (BNH), para financiar os trabalhos de conservação, restauração e adaptação dos imóveis residenciais na zona tombada.</p> <p>A Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia organiza há alguns anos estudos que ajudarão os diversos trabalhos de proteção da cidade de Salvador graças a seu Centro de Estudos de Arquitetura da Bahia (CEAB). Esta Faculdade incorporou às suas atividades um Curso de Conservação dos Monumentos na formação dos arquitetos, o que, adicionado aos trabalhos do CEAB, representa os principais e melhores recursos para o Centro Histórico.</p> <p>Além disso, a população se mobiliza hoje de modo organizado com a ajuda da Comissão de Revitalização do Centro Histórico da Cidade de Salvador. Esta Comissão reúne os organismos oficialmente comprometidos com a proteção do conjunto, assim como organismos da sociedade civil como o Instituto de Arquitetos, a Associação dos Comerciantes e</p>

	<p>ofertas de serviços do Centro Histórico de Salvador, a Igreja, o que permite discutir mais amplamente e buscar soluções para os graves problemas ainda existentes.</p>
<p>5. Justificativa da inscrição na Lista do patrimônio mundial</p> <p>a) <i>Bem cultural</i></p>	<p>O Centro Histórico de Salvador conserva a estrutura urbana original do século XVI, com os acréscimos acumulados durante os séculos seguintes. De qualquer modo e não obstante algumas pequenas modificações da cidade, a configuração urbana atual é a mesma que se vê na cartografia do final do século XVII e começo do século XVIII. A cidade encontra-se na cumeada de uma elevação que se estende paralelamente ao mar, entre esta - a baía de Todos os Santos - e o vale onde corria o rio das Tripas, atual Baixa dos Sapateiros.</p> <p>No Brasil, Salvador foi o primeiro núcleo urbano construído com uma planta retangular, se bem que adaptada desde o começo às irregularidades topográficas da cumeada sobre a qual repousa. O caráter original dos espaços urbanos - Praça Municipal, Terreiro de Jesus e adro de São Francisco, Largo do Pelourinho, Largo do Boqueirão e Largo de Santo Antonio - guardam sua inteira integridade, com os mesmos traçados de ruas, ladeiras e ruelas onde se encontram os edifícios religiosos e civis que formam um dos conjuntos arquitetônicos mais ricos do Brasil e do mundo de origem portuguesa.</p> <p>Primeira cidade do Brasil fundada em 1549 como sede do Governo-Geral, ela teve desde seus primórdios a missão de constituir o polo de colonização da América portuguesa. As outras capitanias dependiam dela, de acordo com o Édito do 1º governador, Tomé de Souza. Salvador foi, além de centro político, o polo econômico do ciclo da cana-de-açúcar e do tabaco e só perdeu essa função em 1763, quando a corte dos vices-reis foi transferida para o Rio de Janeiro.</p> <p>Salvador sempre possuiu um magnífico porto na baía de Todos os Santos - o "Porto do Brasil" dos documentos dos séculos XVI e XVII, ou o "Porto da Bahia" amplo e protegido. Graças a estas qualidades e a sua situação de ser menos distante da Metrópole e da costa da África, Salvador foi sempre a passagem quase obrigatória de todas as frotas comerciais que buscavam o Brasil, vindos da África, da Índia e da China. Foi o porto de reabastecimento e das escalas para conserto das avarias, mesmo na época em que suas paragens foram proibidas por motivos políticos. Salvador representou, durante o período da colonização e do comércio do mundo português, um dos portos mais importantes do ponto de vista comercial e de sua localização estratégica. Aliás, foi por este motivo que várias vezes ela foi atacada e</p>

	<p>pilhada, até mesmo ocupada, ainda que por pouco tempo, por piratas ou companhias comerciais de outros países.</p> <p>Assim, o Centro Histórico de Salvador representa um conjunto particularmente autêntico ao mesmo tempo dotado de considerável valor como paisagem, urbanismo e arquitetura.</p> <p>Salvador foi, de fato, o centro administrativo e econômico mais importante do Brasil da metade do século XVI até a metade do século XVIII e o ponto de convergência da navegação e do comércio português com os países de além-mar, devido à posição estratégica de seu porto e de sua grande importância econômica.</p> <p>É com base nesses dados e nas características de seus valores históricos, arquitetônicos, urbanos e paisagísticos que o Centro Histórico de Salvador é apresentado ao Comitê do Patrimônio Mundial da Unesco.</p>

1983

Ministério da Educação e Cultura

Secretaria da Cultura

Subsecretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Fundação Nacional pró-Memória

1. MAPA TOPOGRAFICO DO SITIO

_____00_____ cotas em metros

2. MAPA DOS TOMBAMENTOS

- Monumentos tombados isoladamente pelo SPHAN
- Zona tombada em nível federal (SPHAN)
- Zona tombada em nível do Estado da Bahia

3. MAPA DAS ZONAS DE PROTEÇÃO CULTURAL E PAISAGÍSTICA COM BASE NA LEI Nº 3.289 DA PREFEITURA DA CIDADE DE SALVADOR

=== zona de proteção rigorosa

=.=. = zona de proteção contigua à de proteção rigorosa

MAPA 2

SECRETARIA DE CULTURA

SPHAN/ FUNDAÇÃO NACIONAL PRÓ-MEMÓRIA

CENTRO HISTÓRICO DA CIDADE DE SALVADOR

Dezembro 1983 .